



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE PEDAGOGIA**

GISELLE NASCIMENTO DOS SANTOS

**ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS: UM ESTUDO REFLEXIVO
DO MÉTODO FÔNICO NA CARTILHA “A CASINHA FELIZ”**

ABAETETUBA/ PA

JULHO/2018

GISELLE NASCIMENTO DOS SANTOS

**ALFABETIZAÇÃO DAS SÉRIES INICIAS: UM ESTUDO REFLEXIVO
DO MÉTODO FÔNICO NA CARTILHA “A CASINHA FELIZ”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação e
Ciências Sociais do Campus Universitário
de Abaetetuba, da Universidade Federal do
Pará, como requisito para a obtenção do
grau de Licenciatura em Pedagogia, sob
orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro
Pereira Lima

**ABAETETUBA/PA
JULHO/2018**

GISELLE NASCIMENTO DOS SANTOS

**ALFABETIZAÇÃO DAS SÉRIES INICIAS: UM ESTUDO REFLEXIVO DO
MÉTODO FÔNICO NA CARTILHA “ A CASINHA FELIZ”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação e
Ciências Sociais do Campus Universitário
de Abaetetuba, como exigência parcial
para obtenção do Grau de Licenciatura em
Pedagogia e submetido à avaliação pela
Banca Examinadora, composta pelos
seguintes examinadores:

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira Lima – FAECS – CUBT -
UFPA

Examinador: Profa. Dra. Mariza Felipe Assunção –FAECS-CUBT-UFPA

*À minha mãe, minha primeira
alfabetizadora!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu fundamento! Por ter me dado vida e me capacitar no caminho que eu escolhi trilhar.

A meus pais Luiza e Samuel, grandes incentivadores e responsáveis por minha educação!

Às minhas amigas Nathália, Thayana e Vitória, por me ajudarem em todo o processo de inscrição do vestibular, incentivando-me, fazendo-me acreditar que eu era capaz.

A meu filho João Gabriel por toda palavra de ânimo nos momentos difíceis de minha vida acadêmica e por entender esses momentos.

A meu esposo Júnior Santos, por seu apoio afetuoso, compreensivo, financeiro, meu melhor torcedor das minhas conquistas!

À toda minha família materna e paterna por vibrarem comigo ao ingressar na UFPA.

À minha irmã Luciana, por todo seu apoio e por ter assumido minhas atividades na igreja para que eu me dedicasse a este TCC.

À minha igreja e ao meu pastor por orarem por mim.

À minha Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira Lima, por toda orientação, contribuição de conhecimentos, momentos de diálogos e incentivo na construção deste trabalho.

À minha amiga Juciléa por todo apoio e contribuição desde o nosso tempo de magistério.

Aos meus professores e minha turma de pedagogia, pelo incentivo mútuo em especial, às minhas amigas: Ediene, Ellyara, Joice, Joneide e Julliana pela parceria nos trabalhos e na vida.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Cartilha Método Castilho (1850)	25
FIGURA 2	Cartilha Materna João de Deus (1876)	26
FIGURA 3	Cartilha da Infância	26
FIGURA 4	Cartilha ABC da Infância (1956)	26
FIGURA 5	Cartilha Analítica	26
FIGURA 6	Cartilha Ensino Rápido (1955)	27
FIGURA 7	Cartilha do Povo (1928)	27
FIGURA 8	Cartilha método Analytico (1919)	27
FIGURA 9	Cartilha do Proença (1926)	27
FIGURA 10	Cartilha do Povo (1928)	28
FIGURA 11	Cartilha Sodré (1940)	28
FIGURA 12	Relação fonema/grafema	33
FIGURA 13	Letras com figuras de associação	34
FIGURA 14	Atividades de associação vogal A	35
FIGURA 15	Método Boquinhas	36
FIGURA 16	Cartaz letra A	37
FIGURA 17	Cartaz letra E	38
FIGURA 18	Cartaz letra I	38
FIGURA 19	Cartaz letra O	39
FIGURA 20	Cartaz letra U	39
FIGURA 21	Cartilha A Casinha Feliz	41
FIGURA 22	Cartilha A casinha Feliz do professor e aluno, material de apoio livro e CD	47
FIGURA 23	A família da Casinha Feliz-fantoches	48
FIGURA 24	As vogais: amiguinhas da história A Casinha Feliz	48
FIGURA 25	Conteúdo do material de apoio da Casinha Feliz	48
FIGURA 26	Os amiguinhos brincando de roda, o encontro vocálico da Casinha Feliz	49
FIGURA 27	Parte interna da cartilha A Casinha Feliz	49

“A criança com a sua preciosidade nos convida a fazer uso da ciência para compreendê-la em profundidade e para dar a ela aquilo de que ela precisa. Nenhuma criança deve ser deixada para trás! É para isso que a ciência existe.”

Fernando Capovilla

SANTOS, Giselle Nascimento dos. *Alfabetização nas séries iniciais: uma análise reflexiva do método fônico na cartilha “A casinha feliz”*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

RESUMO

O presente trabalho teve como principal objetivo fazer um estudo teórico e reflexivo do emprego do método fônico no processo de alfabetização a partir e sua materialidade na cartilha “A Casinha Feliz”. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, apoiada, prioritariamente, nos estudos de Capovilla, Mortatti, entre outros teóricos que desenvolveram estudos sobre o referido método, o qual, historicamente, contribuiu no processo de alfabetização das séries iniciais, tendo como suporte sua materialidade na cartilha “A Casinha Feliz”, de autoria de Iracema Meireles e Eloísa Meireles. O estudo feito a partir das atividades proposta na referida cartilha, indicam, por meio de sua didática e atividades, que, apesar da eficácia do método inovador na época em que foi implantado e, que, por muito tempo ter permanecido no contexto de alfabetização da sociedade brasileira, ele foi gradativamente considerado um método tradicional, sendo substituído por outros métodos considerados mais progressivos. No entanto, mesmo se tratando de um método tradicional, e até ter recebido várias críticas no atual cenário político e educacional brasileiro, não é possível afirmar do seu desuso em sala de aulas, principalmente por professores que não se adequaram às metodologias de métodos mais progressivos.

Palavras-chave: Método Fônico; A casinha Feliz; Alfabetização; Séries iniciais.

SANTOS, Giselle Nascimento dos. Literacy in the initial series: a reflexive analysis of the phonic method in the booklet "A happy little house". 2018. Course Completion Work. Faculty of Education and Social Sciences of the Federal University of Pará, University Campus of Abaetetuba.

ABSTRACT

The present work had as main objective to make a theoretical and reflective study of the use of the phonic method in the literacy process starting from its materiality in the booklet "The Happy Little House". The methodology used was the qualitative bibliographical research, supported, mainly, in the studies of Capovilla, Mortatti, among other theorists who developed studies about this method, which, historically, contributed in the literacy process of the initial series, having as support its materiality in the booklet "A Casinha Feliz", authored by Iracema Meireles and Eloísa Meireles. The study based on the activities proposed in this booklet indicate, through its didactics and activities, that despite the effectiveness of the innovative method at the time it was implemented and that, for a long time, remained in the context of literacy Brazilian society, it was gradually considered a traditional method, being replaced by other methods considered more progressive. However, even if it is a traditional method, and even received several criticisms in the current Brazilian political and educational scenario, it is not possible to affirm its disuse in the classroom, mainly by teachers who did not adapt to the methodologies of more progressive methods.

Key words: Fonic Method; The Happy Cottage; Literacy; Initial series.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

		11
SEÇÃO I	HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	15
1.1	O MÉTODO SINTÉTICO: 1º MOMENTO	18
	1.1.1 Método Alfabético	18
	1.1.2 Método Fônico	18
	1.1.3 Método Silábico	19
1.2	MÉTODO ANALÍTICO: 2º MOMENTO	20
	1.2.1 Palavração	21
	1.2.2 Sentenciação	21
	1.2.3 Global	21
1.3	MÉTODO MISTO: 3º MOMENTO	22
	1.3.1 Sintético e Analítico	22
1.4	CONSTRUTIVISMO: 4º MOMENTO	24
SEÇÃO II	O MÉTODO FÔNICO	29
2.1	A FUNCIONALIDADE E PROGRAMAS DO MÉTODO FÔNICO	30
	2.1.1 Livro “A Alfabetização Método Fônico”	31
	2.1.2 Livro Método das boquinhas	35
	2.1.3 Cartilha “A História da Abelinha”	37
SEÇÃO III	CARTILHA A CASINHA FELIZ	41
3.1	MATERIALIDADE FÍSICA	47
3.2	FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS	52
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

O tema abordado neste trabalho é o método fônico no processo de alfabetização, a partir de um estudo teórico realizado sobre o referido método materializado na cartilha de alfabetização “A Casinha Feliz”, de autoria de Iracema Meireles e Eloísa Meireles, sendo sua primeira edição publicada pela Editora Record, em 1970.

Meu contato com esse objeto se deu no curso de magistério quando minha equipe teve a tarefa de pesquisar sobre o método e apresenta-lo à turma. Nesta ocasião, pude comprovar a sua eficácia colocando-o em prática na minha vida para superar uma dificuldade com o dígrafo **rr**, o qual, até naquele momento, havia sido uma barreira por não conseguir emprega-lo corretamente.

Nesse tempo em que eu cursava o magistério, conhecer o método fônico foi-me oportuno para vencer a tal dificuldade e me considerar livre de um problema aparentemente fácil, porém, até então, muito comum no processo de alfabetização das séries iniciais.

Entrei na Universidade em 2014 para cursar Pedagogia, e, no decorrer de estudos e práticas curriculares, em muitos momentos tive a oportunidade de ler o comento que trata dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Observei que, neste documento, as orientações para o aprendizado da Língua Portuguesa, estão centradas no uso dos gêneros textuais como objeto de aprendizagem da leitura e da escrita, fundamentados em métodos construtivistas, considerados mais progressivos e eficientes ao processo de alfabetização das séries iniciais.

Especificamente no decorrer de práticas pedagógicas feitas nas escolas, é muito recorrente discursos da adoção de métodos construtivistas para alfabetizar crianças num tempo menor do que se gastaria com a adoção de métodos tradicionais, como o método fônico, por exemplo. No entanto, em várias ocasiões em que conversei com alguns professores sobre o método fônico, observei que os professores não o conhecem, assim como também não dominam os atuais métodos que adotam, ou seja, seus discursos são influenciados pelo que dizem que os métodos tradicionais estão ultrapassados para serem experimentados na contemporaneidade.

Com base nestas observações, vi-me cada vez mais interessada em aprofundar-me teoricamente no método fônico, posto que, no curso do magistério, a pesquisa que

desenvolvi não me garantiu aprofundamento teórico, apesar ter me beneficiado para superar um problema linguístico.

Mediante a obrigatoriedade do curso de Pedagogia de o discente desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para a obtenção do diploma de licenciado pleno, não consegui me ver estudando outro objeto que o Método Fônico, com base na metodologia aplicada na cartilha “A Casinha Feliz”, uma das maiores referências do método.

Assim, ocorreu-me estudar a história dos métodos de alfabetização no Brasil; os principais livros adotados nesse processo; o método fônico na cartilha “A casinha Feliz”, sua materialidade física, as atividades e didáticas empregadas, para enfim, refletir das possibilidades e limites de se utilizar o método fônico no processo de alfabetização nas séries iniciais.

Neste constructo que se encontram espalhados por todo o texto deste trabalho estruturado em três seções, é importante pontuarmos que desde as últimas décadas do século XX, as correntes teóricas adotadas no Brasil para combater o elevado índice de cidadãos analfabetos é construtivismo Piagetiano, e que também não está poupado de críticas por ter estagnado a educação ao longo dos anos.

O construtivismo Piagetiano parte do pressuposto que o indivíduo aprende e se desenvolve no coletivo, sendo aguçado pelo professor a ter seus próprios conhecimentos e descobertas, no qual, como mediador, o professor mostrará as diversas possibilidades para que o aluno se desenvolva e tenha sua autonomia. Todavia, essa linha teórica tem sido usada por diversas escolas brasileiras, mas, considerando resultados de que ainda existem um número significativo de escolas que sequer alcançam as metas de Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira-IDEA, o êxito desta corrente, pode estar comprometido por sua estagnação ao longo desse período.

Assim essa linha teórica da construção do conhecimento tem sido usada como única forma de se obter sucesso na alfabetização no Brasil nos últimos anos. A alfabetização fônica tem sido defendida por Capovilla (2010), que condena as práticas construtivistas.

Segundo este teórico, o foco não é apontar este ou aquele método ou teoria que pode melhorar ou acabar com o problema do analfabetismo ou problemas com a alfabetização, pois este assunto é muito complexo e a proposta aqui é expor os tipos de

métodos existentes, provocando assim uma discussão e reflexão sobre tais métodos, com destaque para o método fônico, tema desta pesquisa.

Esta discussão inicialmente introduzida será desmembrada em três seções. Na **primeira seção** será abordada a história dos métodos de alfabetização no Brasil através das cartilhas de alfabetização, subdivididas em quatro momentos históricos; na **segunda seção**, a discussão incide sobre o método fônico bem como a sua funcionalidade em diversos métodos e suas várias possibilidades; a **terceira seção** dará destaque ao método fônico na cartilha “A Casinha Feliz”, onde se pode obter uma breve compreensão e conhecimento do método fônico na referida cartilha.

SEÇÃO I - BREVE HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Alfabetizar é definido como processo onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever de maneira adequada e a utilizar esta habilidade como um código de comunicação em seu meio. É um processo onde os educadores procuram dar mais atenção durante o período de educação inicial escolar, através do desenvolvimento das atividades da alfabetização, que envolve o aprendizado do alfabeto e dos números, a coordenação motora e a formação de palavras, sílabas e pequenas frases.

Através destas tarefas, o indivíduo consegue adquirir a habilidade de leitura, de compreensão de textos e da linguagem de maneira geral, incluindo a operação de números, que são competências necessárias para avançar aos níveis escolares seguintes.

Ao longo de nossa história ou da história da civilização esse processo codificado de comunicação esteve presente através das representações, desenhos, trocas de mensagens, não havia uma padronização nas representações gráficas, mas a comunicação nunca deixou de acontecer.

De acordo com Cagliari (1999) surgiam assim, as primeiras formas de alfabetização, pois

Quem inventou a escrita inventou ao mesmo tempo as regras da alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema da escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente. A alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. De certo modo, é a atividade escolar mais antiga da humanidade (CAGLIARI, 1999, p. 12).

Segundo Mortatti (2006) o processo de ensino de leitura e escrita na fase inicial ou seja o ensino de língua e literatura no Brasil em particular passou a ser denominado entre nós a partir do século XX, com sua face mais visível na história dos métodos que desde o final do século XXI as disputas entre “antigas” e “novas” relacionadas a crianças em aprender ler e escrever, na escola pública tem sido intensas.

Visando enfrentar esse problema e auxiliar “os novos” a adentrarem no mundo público de cultura letrada, essas disputas em torno dos métodos de alfabetização vem engrenando uma multiplicidade de tematizações e concretizações, caracterizando-se como importante aspecto dentre os muitos outros envolvidos no complexo movimento histórico de constituição de alfabetização como prática escolar e como objeto de estudo/pesquisa (MORTATTI, 2006, p.1)..

Esta é uma questão que até hoje tem sido pauta de conversas sobre qual o melhor método de se ensinar, ou o mais eficaz para as crianças serem alfabetizadas, os “tradicionais” chamados de antigos métodos do *B-a ba* apenas decorativo ou os “inovadores” construtivistas que levam em consideração o conhecimento interação da criança, assim essa discussão ainda vai muito longe, não se chegando infelizmente a um resultado satisfatório na educação brasileira, onde muitas crianças saem das séries iniciais sem saber muitas vezes escrever seu próprio nome ou conhecendo a letra do seu nome e muito menos lendo palavras simples. Essa situação faz parte da educação pública do país que ao longo da história vem se redesenhando.

De acordo com Morttati (2006) desde o final do século XIX com a proclamação a escola assumiu um papel importante como instrumento de modernização e progresso do Estado- Nação como propulsora do “esclarecimento dos mais letrados” a leitura e a escrita eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar informal e precária, nas poucas escolas do Império chamadas de aulas régias. Tornaram-se fundamentos da escola obrigatória leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados. Caracterizando-se como tecnicamente ensináveis, as pautas de leitura e escrita passaram, assim a ser submetidas a ensino a ensino organizado, sistemático e intencional demandando, para isso a preparação de profissionais especializados.

O momento de se ensinar a leitura e a escrita apresentam-se como um momento de passagem para um mundo novo, novos conteúdos, novas formas de sentir e querer agir, pois a leitura nos proporciona esses momentos, poder ler, poder escrever é transformador, principalmente para uma criança.

Pode-se observar que o momento histórico fez e tem feito parte de gerações de alunos , professores, mães, pais que tiveram sua infância marcada por um desses momentos que nos contam sobre as mudanças ocorridas através do tempo desde a publicação da primeira cartilha para o ensino da leitura, e que nos leva através do tempo relembrar o período de nossa alfabetização.

As lembranças de épocas de aulas régias, atualmente, quando vemos uma cartilha antiga voltamos imediatamente ao passado lembrando como foram os momentos em que se aprendia a ler, cada época com sua cartilha, soletrando, decorando sequências, codificando palavras, palmatórias, palavras duras, professoras severas, etc.

Particularmente, a primeira cartilha de minha vida nunca esquecerei, e lembro-me como se fosse hoje cada figura nela contida e os momentos de nervosismo ao não conseguir lembrar dos sons ou das junções que cada sílaba formava, esses foram momentos trazidos pelas cartilhas de alfabetização, momentos que relembramos agora, resumidamente, para de maneira organizada, formarmos um gráfico de cada momento que foi importante para que hoje as escolas e o ensino sejam elaborados pelos professores, pelas escolas, através de métodos e materiais escolhidos para esse processo inicial de nossas vidas em que lemos a primeira palavrinha.

Esse momento vivido por cada pessoa, seja ele pai, mãe, professor, é gratificante e enriquecedor, ensinar a ler e escrever e ouvir e ver a descoberta de uma criança ao conseguir ler sua primeira palavra e escrevê-la, ficará marcado sem sua vida.

Ora a verdadeira palavra do homem é palavra escrita, porque só ela é imortal. Mas enquanto o ensino da palavra falada é o encanto de mães e filhos, o ensino da palavra escrita é o tormento de mestres e discípulos. Estranha diversidade em coisas tão irmãs! Deus na sua providência, não podia determinar assim. Há de haver meio fácilimo, grato, universalmente acessível, de espalhar essa arte, ou antes faculdade, sem a qual o homem não passa dum selvagem.

Esse meio ou esse método não pode ser essencialmente diferente do método encantador pelo qual as mães nos ensinam a falar, que é falando, ensinando-nos palavras vivas, que entretêm o espírito, e não letras e sílabas mortas como fazem os mestres.

Pois apressemo-nos também nós a ensinar palavras e acharemos a mesma amenidade (JOÃO DE DEUS, 1878, p.2).

Observa-se na citação do português João de Deus, em seu comentário, que ao se ensinar a ler, esse ensino deve ser feito de forma natural como as mães o fazem, uma forma natural e definida quanto ao que ensina e ao que aprende, apresentando palavras numa forma organizada respeitando, contudo, as limitações da criança.

A pesquisadora Maria Rosário Longo Morttati (2006), autora de diversas obras sobre a história da alfabetização no Brasil, também coordenadora do grupo de pesquisa “História do Ensino da Língua e Literatura do Brasil, é uma referência na construção deste trabalho, sobretudo no diz respeito à história dos métodos de alfabetização.

Morttati (2006) afirma que o momento histórico de alfabetização no Brasil dá-se em quatro momentos cruciais onde a evidência está nos métodos de alfabetização através das cartilhas de leitura. Essa autora caracteriza esses momentos pelas disputas de métodos e os desempenhos das cartilhas que concretizavam tais métodos e conteúdo de ensino, aspectos importantes da história que contribuíram para a criação de uma cultura escolar e para a transmissão de tradições.

1.1 O MÉTODO SINTÉTICO: 1º MOMENTO

Até o final do império brasileiro com as aulas precárias em casa-escola o material disponível para ensino e leitura era precário. Habitualmente, porém o ensino da leitura começava com as cartas de ABC e depois se liam se compravam documentos manuscritos. (MORTATTI, 2006, p. 2)

O ensino era o método sintético vai da parte para o todo, método de combinações de elementos, sons, letras e sílabas onde a aprendizagem acontece através de etapas em que o aluno aprende as letras, depois sílabas, palavras e por fim pequenos textos.

São conhecidos como método sintético:

1.1.1 Alfabético

Conhecido como método de soletração o método alfabético faz com que o aluno aprenda através da repetição de exercícios, fazendo com que o aluno identifique as letras, forme sílabas, palavras, frases e histórias decorando o alfabeto e reconhecendo suas sequências e as letras de forma isolada, pois as palavras são trabalhadas fora do contexto sem necessariamente um significado como, por exemplo, a frase com sílabas da letra **B**: *A bola bateu no baú* ou com as sílabas da letra **V**: *O vovô viu a vovó*. É, portanto, um método de memorização.

1.1.2 Método fônico

O Método fônico consiste no aprendizado através de associação entre fonemas e grafemas, ou seja, sons e letras basearem-se no ensino do código alfabético, é um método de soletração. O método fônico faz parte de uma das divisões do método sintético, pois a aprendizagem parte das partes para o todo e critica a ineficiência do método de soletração ou alfabético.

Mesquita (2013) salienta que foi também na antiguidade que o método fônico surgiu, para tentar contrapor as dificuldades de aprendizagem presentes no método de soletração e tem como foco principal o de identificar o fonema e suas características são: Ensinar a forma e o som das vogais e consoantes, fazendo o aluno compreenda a letra como um fonema, formando sílabas e palavras.

Apresenta os sons associados a uma imagem, um personagem ou uma história. Segundo pesquisas o método fônico foi defendido por Maria Montessori, médica educadora que desenvolveu vários materiais sensoriais e inicialmente aplicou às crianças deficientes. A fonoaudióloga Renata Jardim também desenvolveu a Cartilha Boquinhos, que foi muito eficaz com alunos disléxicos. Ressalta esta autora:

[...] os sons são elementos abstratos, que nem sempre “atingem” a compreensão de todas as crianças ou educadores. Já as boquinhos são concretas, ou seja, cinestésicas e podem ser vistas, apalpadas e sentidas, o que favorece a associação de som/ letra por meio da ferramenta boquinha (JARDINI, 2008, P.24)

1.1.3 Método silábico

O método silábico utiliza *A Cartilha da Infância*, onde são ensinadas, primeiro as vogais, depois ditongos, sílabas e em seguida, palavras formadas por três sílabas, depois algumas frases que não tem ligação entre si. É um método com mecanismos de codificação através de memorização e repetição de palavras.

Como suporte de alfabetização, os professores usam o silabário para ensinar os sons das letras e as junções delas. Assim, no final do século XIX as primeiras cartilhas brasileiras produzidas no Brasil por professores fluminenses e paulistas, seguiam o método sintético com suas respectivas divisões (soletração, fônico e de silabação) e circulavam em várias províncias/estados do país e por muitas décadas.

Em 1876, data que elegi como marco inicial do primeiro momento crucial nessa história, foi publicada em Portugal a Cartilha Maternal ou arte da leitura, escrita pelo poeta português João de Deus. A partir do início da década de 1880, o “método João de Deus” contido nessa cartilha passou a ser divulgado e sistemática e programaticamente principalmente nas províncias de São Paulo e do Espírito Santo, por Antônio da Silva Jardim, positivista militante e professor de português da Escola Normal de São Paulo (MORTATTI, 2006, p. 2)

A referida cartilha apresentava o abecedário, que deveria ser ensinado por partes de modo a formar as palavras, com um método de repetição até que a criança se familiarizasse com as letras. *A Cartilha Maternal* foi a precursora de outras variedades de cartilhas que surgiram, ainda segundo a história das cartilhas *A Cartilha de João de Deus* foi um dos livros com maior tiragem em Portugal e no Brasil.

A cartilha maternal coincidiu com o período da proclamação da república, onde o movimento intenso de ideias republicanas estava sendo propagado, assim em função desta cartilha no Brasil, o positivista, advogado e professor tornou-se o defensor do método chamado na época de palavração.

Assim esse momento estende-se até o início da década de 1890, na qual se inicia a disputa entre defensores do método João de Deus e os que continuavam defendendo os métodos sintéticos (MORTATTI, 2006, p.2).

1.2 O MÉTODO ANALÍTICO: 2º MOMENTO

Nesse segundo momento histórico Morttati (2006) revela-nos que em 1890 a 1920 tem-se o segundo momento da alfabetização com a reforma da instituição pública no estado de São Paulo, que reorganizou os currículos dos grupos escolares, pois até então não se tinha uma organização estrutural, as aulas aconteciam em casas chamadas Casa Escola, um espaço ainda não organizado, por vezes, cedidos pelos próprios professores ou pagos por eles.

Assim, neste segundo momento, com essa reorganização, os grupos escolares passam a ter horários, currículo programático fiscalizado pelo diretor do grupo. Acontece também neste momento a distribuição de matérias, organização que foi muito importante para que se pudesse fazer uso do método de alfabetizar de maneira sistemática com uma organização estabelecida.

Entre 1920 a 1980, o político, jurista, educador brasileiro e diretor geral da Instrução Pública, Antônio de Sampaio Dória, político, coordenou várias reformas de ensino. Sampaio Dória decreta assim a autonomia didática, onde o método não será mais obrigatório ou determinado e passa a ser uma escolha a critério do professor e da sua didática. Essa reforma foi chamada de Sampaio Dória e foi implementada a partir de 1890 em São Paulo. Com esta reforma, os professores formados pela Escola Normal passam a defender o método analítico para se ensinar a ler e escrever.

O método analítico faz com que as crianças compreendam o sentido de um texto, incentivando os alunos à sua produção, além de ensinar o uso da pontuação. Diante desse método, o aluno fica à vontade para expor suas ideias e pensamentos, estimulando assim a leitura. O método é defensor de que não se ensina através da silabação e sim sua funcionalidade estar no fato de ele ajudar a criança no desenvolvimento e organização de seus pensamentos.

Do ponto de vista linguístico, neste método, o ensino deve começar por um nível menos complexo, para aos poucos ir dando continuidade para um nível mais avançado, pois a língua falada é bem diferente da língua escrita, e a criança no início de sua

aprendizagem, se baseia na língua falada para desenvolver a língua escrita e isso só confunde a cabeça da criança por elas serem bem diferentes.

1.2.1 Palavração

Na palavração o aprendizado começa pelas palavras que são apresentadas em agrupamentos entre elas a unidade de pensamento (percepção de ideias) à ênfase do significado.

1.2.2 Sentenciação

O método de sentencição o aprendizado se inicia por frases inteiras, sem passar pelas etapas defendidas por outros métodos.

1.2.1 Global

O método global é o método que utiliza historietas, contos, apresentando primeiro as estruturas de textos com começo, meio e fim. Ainda de acordo com o método analítico, como já foi mencionado, o ensino da leitura inicia-se pelo todo: a palavra, ou a sentença ou a historieta. O processo baseado na historieta foi institucionalizado em São Paulo com a publicação do documento Instrução prática para o ensino da leitura pelo *methodo analytico*- modelos de lições. Esse método priorizava a historieta, como núcleo de sentido e ponto de partida, para o ensino (DIRETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA/SP, 1915).

Nesse segundo momento do início do século XX passaram a se basear programaticamente no método analítico, começando assim uma disputa entre o “novo” e o “tradicional” sintético para o ensino da leitura, momento que se estende aproximadamente em meados dos anos de 1920, já no final de 1910 é que o termo alfabetização começa a ser utilizado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita .

As disputas ocorridas nesse segundo momento fundam uma outra nova tradição: no ensino da leitura envolve enfaticamente questões didáticas, ou seja, o como ensinar, a partir da definição das habilidades visuais, auditivas e motoras da criança a quem ensinar, o ensino da leitura e escrita é tratado, então, como questão de ordem didática subordinada às questões de ordem psicológica da criança (MORTATTI, 2006, p.2).

1.3 O MÉTODO MISTO- 3º MOMENTO

No terceiro momento Mortatti (2006) relata que com a lei da autonomia didática de Sampaio Dória, em 1920, a resistência dos professores em relação ao método

analítico aumentou, e estes professores, buscavam novas propostas para solução dos problemas em relação à aprendizagem da leitura e da escrita.

O método analítico continuava a ser usado, mas buscando unir os dois tipos de métodos: o sintético e o analítico para o ensino dessas duas habilidades. Assim, nas décadas seguintes, o método misto ou eclético passou a ser usado e as disputas dos defensores de cada método não cessaram.

1.3.1 Sintético e Analítico

O método misto “é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa” (CRESWELL, 2007, p.27). São duas abordagens com características antagônicas, que se combinam de forma que uma prevalecerá sobre a outra ao mesmo tempo em que podem se complementar na apresentação de resultados.

Segundo Morttati (2006), a defesa entre um método e outro foi-se diluindo à medida que a tendência da revitalização da importância do método foi decorrente da institucionalização das novas revolucionárias bases psicológicas da alfabetização nos livros teste ABC como o objetivo de verificar a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita (1934) escrito por Lourenço Filho, educador brasileiro traz uma questão da psicologia sobre a maturidade para aprender, apresentando assim, oito tipos de testes diferenciados para que as crianças se submetessem a esses testes com a ideia de homogeneidade das classes de alfabetização, onde as crianças seriam separadas de acordo com sua “capacidade” intelectual.

Esse período foi chamado de período preparatório de prontidão da criança. Trata-se também de um período muito grande de produção de cartilhas, das quais se destacam: a cartilha de Lourenço filho chamada *A cartilha do Povo*, de 1928, que se dedicou a pesquisa sobre a aprendizagem nos processos de leitura e escrita e que resultaram na publicação dos testes ABC e a cartilha *Caminho Suave*, de 1949, um cartilha que foi muito usada. Os testes de ABC, segundo Lourenço Filho, forneciam condições de classificação das aptidões para leitura e escrita com o objetivo de auxiliar os educadores na organização das classes escolares, reforça Morttati (2006).

Tanto *A Cartilha do Povo* elaborada para a educação das crianças e adultos quanto os testes de ABC desenvolvidos por Lourenço Filho, demonstram a base teórica de seu projeto de alfabetização, fundado nas questões relativistas à maturidade da criança e do seu conhecimento. Para Lourenço Filho, ensinar é a arte de transmitir

conhecimento e técnicas, ou seja, o ensino é o processo de inculcação de noções e ideias e esse papel historicamente cabe a escola.

Dentre esses estudos, ganhou corpo a investigação sobre a relação entre a maturidade psicológica e as aptidões necessárias à aprendizagem da leitura e da escrita. Para realizá-la, Lourenço Filho e colaboradores submeteram a exames psicológicos os alunos do Jardim de Infância e das Escolas-Modelos anexas à Escola Normal de São Paulo, e depois, do Grupo Escolar da Barra Funda. Dizia ele, ao justificar sua investigação:

Impressionara-nos o fato de haver algumas crianças fracassado na aprendizagem da leitura, no ano letivo anterior, muito embora apresentassem nível mental igual ou superior ao de outras, para as quais o aprendizado se havia dado normalmente, na mesma classe, com o mesmo mestre, e, pois, com os mesmos processos didáticos. Havia um problema de grave importância para a economia escolar. Intentamos resolvê-lo, primeiramente, para verificação de uma possível maturidade da acuidade visual e auditiva, assunto que, dantes, já nos vinha preocupando de modo particular, pelo estudo da fatigabilidade e interesse na atenção escolar. Retomando as pesquisas, na Escola Normal da Capital, em São Paulo, em breve nos convenceríamos de que elas deviam procurar atingir a estrutura íntima de todo o processo de aprendizagem e não se deter apenas na verificação da acuidade sensorial ou de processos isolados. Seria forçoso, pois, planejar uma série de provas sintéticas, ou puramente funcionais, o que fizemos (LOURENÇO FILHO, 1933, p.36).

Ainda nesse 3º momento, segundo Morttati (2006), as cartilhas passam a ser predominantemente método misto e eclético (analítico – sintético), os manuais dos professores começaram a ser produzidos acompanhando as cartilhas disseminando-se também a ideia e a prática do período preparatório “que eram exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora, posição de corpo e membros, dentre outros”.

Esse momento vai aproximadamente até o final da década de 70, onde a nova tradição é fundada no ensino da leitura e escrita levando em consideração a maturidade da criança a ser ensinada, subordinada a ordem psicológica.

1.4 O CONSTRUTIVISMO: 4º MOMENTO

Com as novas políticas que acompanharam a proposta de mudança na educação, como o objetivo de enfrentar parcialmente com as urgências políticas e sociais que acompanharam essas mudanças, o fracasso da alfabetização de crianças, é introduzido no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, que resultou, de acordo com

Mortatti (2006), em pesquisas sobre psicogênese da língua escrita, desenvolvida pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e colaboradores.

O construtivismo permite que as crianças construam seus conhecimentos de acordo com seu desenvolvimento cognitivo, pode ser aplicado de forma individual ou coletiva, trabalha com o conhecimento que a criança traz para escola, faz a união da língua falada, escrita e a leitura em um único processo, e pode ser aplicado a qualquer criança. E a partir deste método a criança se sentirá mais segura e será capaz de criar seu próprio conhecimento tornando-se um aluno consciente e responsável.

O construtivismo é baseado nas pesquisas de Jean Piaget, que fala sobre a construção do conhecimento, que é o resultado da construção do próprio indivíduo. Essas conclusões são derivadas das suas pesquisas sobre “a origem e evolução da inteligência” que também se constrói na interação do sujeito com o mundo, considerando os fatores biológicos, experiências físicas, a troca social, e os processos de equilíbrio e desequilíbrio.

A aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar, a criança antes de entrar na escola já possui alguns conhecimentos como, por exemplo, a linguagem verbal. Toda aprendizagem na escola tem uma pré-história, a atividade de criar é uma manifestação exclusiva do ser humano que tem a capacidade de criar algo novo a partir de um conhecimento já existente. Através da memória o ser humano pode imaginar situações futuras e formar outras imagens a partir dela.

Um exemplo deste método pode ser encontrado na cartilha “*Livro de Alfabetização*” da coleção Novo Caminho. Nessa cartilha, pretende-se resgatar o conhecimento de mundo que os alunos trazem para escola, proporcionando um maior conhecimento ao professor de seus alunos. Sendo assim, as primeiras atividades propostas são de conhecimento geral da sala de aula, onde cada aluno faz uma apresentação de si e da sua família. Atividades de recortar, colar e até de leitura de placas e rótulos, mostram que aos alunos que eles já sabem ler, mesmo antes de entrar na escola.

Toda base conceitual de uso do método construtivista baseia-se no postulado de Piaget, que defende o conhecimento de mundo ser construído pelo indivíduo a partir de seus conhecimentos anteriores e, em contrapartida, o sujeito também revisita e reorganiza seus conhecimentos prévios para adaptá-los ao que acaba de ser aprendido. É um processo duplo, de assimilação e acomodação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) — documentos federais criados para determinar orientações pedagógicas em nível nacional, reconheceram a contribuição do pensamento construtivista para o processo de alfabetização.

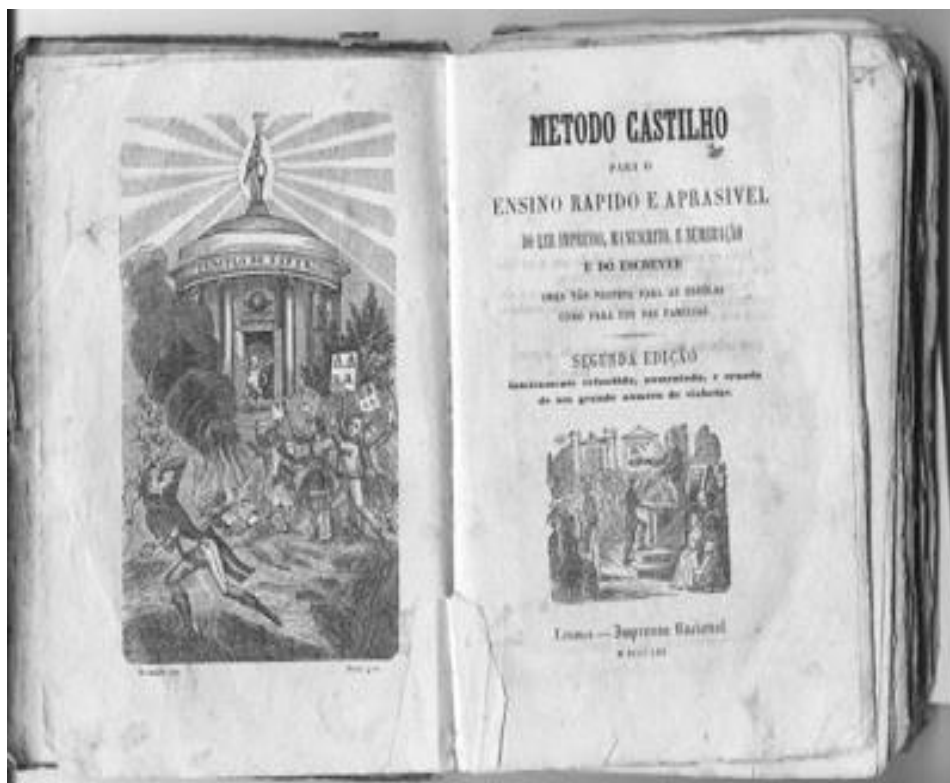
Segundo o portal aprendiz divulgado em 2006 Os parâmetros curriculares nacionais produzidos pelo ministério da educação (MEC) são os que definem o que se espera o que cada criança aprenda em cada série pela qual ela passa, os PCNs então são distribuídos aos para professores de todo Brasil para orienta-los no trabalho com os conteúdos em sala de aula. Os PCNs em vigor foram elaborados há 10 anos e possuem claramente a influência das teorias construtivistas.

As escolas que seguem a linha construtivistas usam textos já escritos por outros autores que estejam próximo da realidade da criança no processo de alfabetização, assim os construtivistas rejeitam o método fônico e uso de seu material único a ser aplicado para todos os alunos. O método fônico por sua vez tem sua ênfase no ensino rápido de associação de letras e sons, o método fônico ao contrário da teoria construtivista lança mão de material didático como os das cartilhas. Assim esse debate vem se arrastando colocando o método fônico e a teoria construtivista em posições opostas, Emília Ferrero idealizadora da linha construtivista propõe no método o conhecimento sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, assim a autora afirma que: “O trabalho nas escolas que adotam uma perspectiva construtivista pode continuar a ser feito dentro dessa perspectiva, mas proponho que seja acrescido do trabalho com os sons para explorar o papel facilitador da consciência fonológica da criança”.

Maria Regina Maluf que é professora na área de desenvolvimento e aprendizagem sobre o método fônico diz que sua eliminação é problemática porque coloca a alfabetização como consequência de uma busca pelo saber, mas não a prioriza, é preciso voltar o aprendizado da leitura das palavras, mas sem o uso das antigas cartilhas descontextualizadas e destaca ainda a importância de um material de apoio confiável para que a educação tenha um base mais sólida. Assim Maluf completa que: “É importante evitar etiquetas simplistas que se perdem no nome e não conseguem definir o que, de fato, é possível ser feito”, afirma. “O objetivo das novas discussões não é ignorar todos os avanços que a educação sofreu nos últimos anos e voltar ao passado, mas fazer um balanço de tudo o que já foi feito, investir nos acertos e eliminar erros que ainda estão sendo cometidos.

As cartilhas que seguem, representam os métodos de ensino da leitura e da escrita que fizeram parte da história da alfabetização no Brasil.

Figura 1: Cartilha Método Castilho (1850)



Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>

Figura 2: Cartilha maternal João de Deus (1876)

Figura 3: Cartilha da infância (1951)



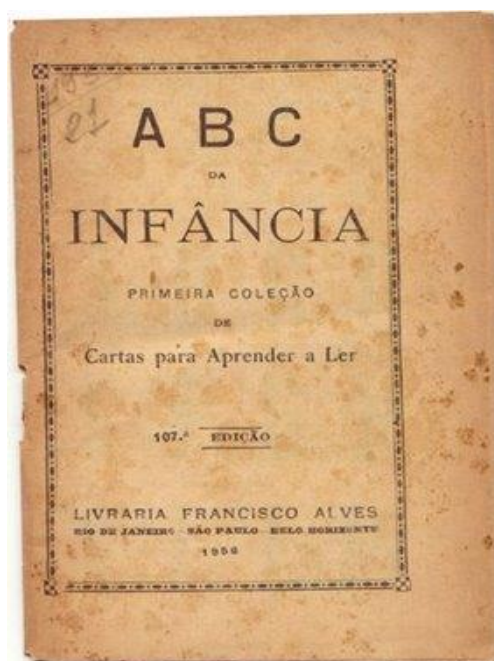
Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>



Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>

Figura 4:Cartilha ABC da infância (1956)

Figura 5:Cartilha analítica (1955)



Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>



Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>

Figura 6:Cartilha Ensino rápido (1955)

Figura 7:Cartilha do povo (1928)



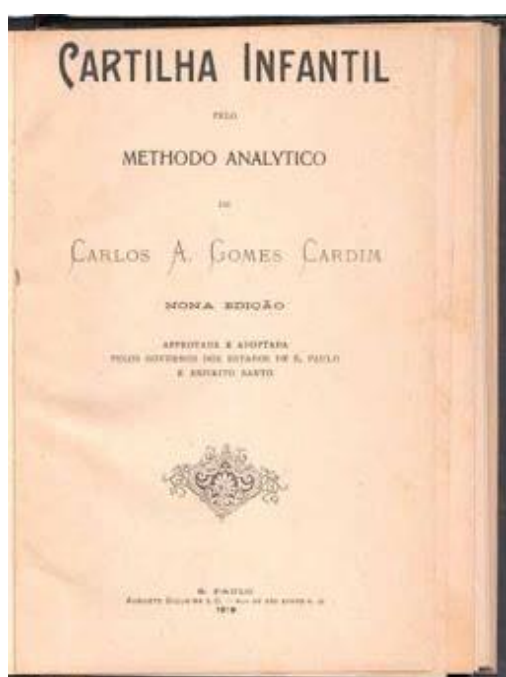
Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>



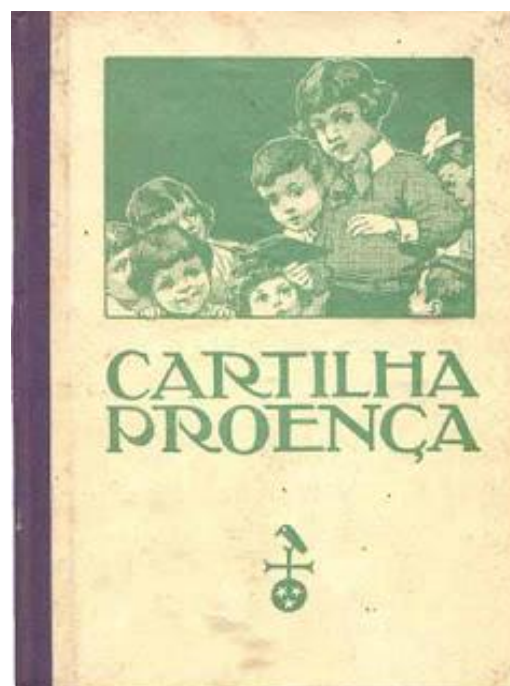
Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>

Figura 8: Cartilha método Analytico (1919)

Figura 9: Cartilha do Proença (1926)

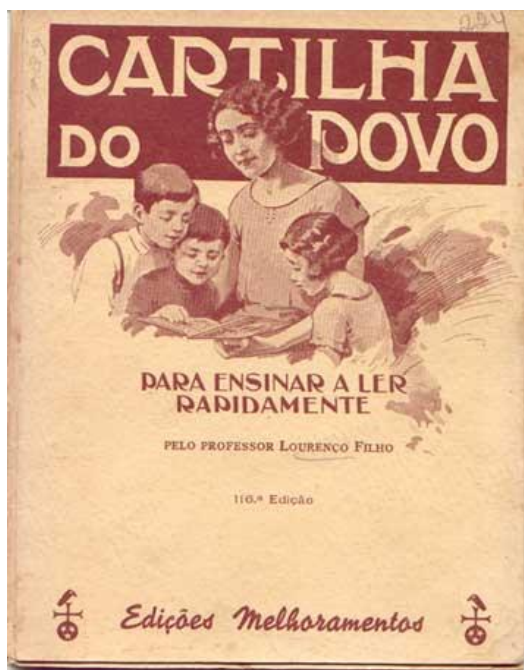


Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>



Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>

Figura 10: Cartilha do povo (1928)



Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>

Figura 11: Cartilha Sodré (1940)



Fonte: <https://pedagogiaaopedaletra.com>

SEÇÃO II - O MÉTODO FÔNICO

O método fônico é um método de alfabetização onde se aprende através dos sons das letras, ensinando-se o som de cada letra assim construindo a mistura desses sons em conjunto para alcançar a pronúncia completa das palavras.

O método fônico ou fonético integra o conjunto dos métodos sintéticos que privilegiam as correspondências grafofônicas. Seu princípio organizativo é a ênfase na relação direta entre fonema e grafema, ou seja, entre o som da fala e a escrita. Este método surge como uma reação às críticas à soletração, e seu uso é mencionado na França, por Valange, em 1719; na Alemanha, por Enrique Stefhani, em 1803; e é trabalhado por Montessori, na Itália em 1907 (FRADE, 2007, p 1).

Frade (2007) define ainda que o ensino do método fônico inicia-se pelo som das vogais e depois pelo som das consoantes. Cada letra ou seja grafema e cada som (fonema) junto a outros fonemas formam sílabas e palavras, o ensino acontece então numa ordem da mais simples a mais complexa.

O ensino fônico contém variações dando significado ao método que pode ser inserido na sala de aula para o processo de alfabetização em suas variações e tipos de método que ele varia de acordo com a escolha que o professor achar viável ou mais adequada para sua sala de aula.

Além do som da letra que a criança aprenderá, as letras vem associadas a imagens, através de histórias, onomatopéia, música, atividades lúdicas levando a criança ter interesse pelo aprendizado associando tudo isso as letras e junções das sílabas e não esquecendo mais.

[...] O renascimento vê a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo... para contrapor os processos verbalistas de ensino [...] o pedagogo deveria dar forma lúdica ao conteúdo (KISHIMOTO, 1996, p.28).

Ainda sobre o método fônico ele parte do conceito de decodificar, ou seja, aplicar um código para descobrir o sentido da escrita, a mensagem. O método Fônico parte da correspondência entre sons e letras. Neste processo os sons das letras são apresentados como “barulhinhos”. Cada letra, ou som, é apresentado como um barulhinho que os personagens fazem no decorrer da história. E a letra é apresentada como o “retratinho” do som. (SILVA; PINHEIRO; CARDOSO, 1973). O método se vale dos recursos fônicos (barulhinhos das letras) e visuais (cartazes, fantoches). Assim cada letra se equivale a um personagem ou elemento da história, cujo nome se inicia com a letra determinada. Assim temos: letra a (abelhinha), letra e (escova mágica), e assim por diante. Nos cartazes que são afixados no Mural cada letra vem integrada ao desenho de seu personagem. Isto facilita a memorização do código, bem como o acesso dos alunos para consultas, em caso de dúvidas (SILVA; PINHEIRO; CARDOSO, 1973).

Para Capovilla e Capovilla (2005), o método fônico tem-se revelado com grande superioridade sendo oficialmente adotado em países com destaques mundiais na aprendizagem do ensino fundamental em relação a alfabetização países como: Canadá, Finlândia, Irlanda, Inglaterra, França, Estados Unidos, Itália, Espanha, Alemanha entre outro. É interessante e intrigante observar estes dados e nos perguntar, por que um método tão eficaz segundo Capovilla nos mostra não tem sido introduzido nas escolas, nas classes de educação infantil método este que alfabetize as crianças de forma satisfatória ou servindo como suporte junto com outros métodos para solucionar o problema da alfabetização precária em escolas no Brasil.

Para Almeida (2011) o método fônico é a solução para tratar crianças com dificuldades de aprendizagem, pois segundo ele os professores que em suas ações pedagógicas não conseguem alcançar os objetivos e que não possibilitam uma percepção e tão pouco acompanham o desenvolvimento das ações educacionais, as dificuldades vão se acumulando, fazendo com a criança fique sem o: Conhecimento de base. Assim Almeida (2011, p.17) afirma que: “Para que dificuldades de aprendizagem e leitura e escrita possam ser solucionadas, é necessário haver toda uma reciclagem no método pelo qual aquele professor ou aquela professora desenvolve nas aulas para com aqueles alunos que apresentam aquelas dificuldades.”

Capovilla (2010) ainda ressalta que o método fônico é eficaz pois faz com a criança compreenda e de modo sistemático e lúdico, fortalecendo o raciocínio lógico e a inteligência

2.1 A FUNCIONALIDADE E PROGRAMAS DO MÉTODO FÔNICO

O ensino fônico em sua essência tem caráter lúdico, com variações que podem ser usadas na implementação do método fônico no processo de alfabetização. Dentre os programas ou métodos que o ensino fônico tem existem:

Livro Alfabetização, de Alessandra G. Seabra e Fernando C. Capovilla; *Método Boquinhas*, de Renata Jardine; *A história da Abelhinha*, de Alzira Sampaio Brasil da Silva, Lúcia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso; *Cartilha A Casinha Feliz*, de Iracema Meireles e Eloisa Meirelles

No Método Fônico a introdução inicial dos fonemas, que são os sons das letras, dá-se por meio de histórias que são criadas para que as crianças identifiquem a relação grafema/ fonema, ou seja, a letra e o som. As histórias mais utilizadas no Brasil são: A

História da Abelhinha e A História da Casinha Feliz (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

2.2.1 Livro Alfabetização Método fônico

O Livro "Alfabetização: método fônico" de Capovilla e Seabra. Estes autores fazem duras críticas ao método construtivista adotado no Brasil, mostram dados estatísticos sobre a superioridade do método fônico em países onde este método foi adotado. Esses autores também apontam em seus comentários, a funcionalidade do método fônico para crianças com qualquer especificidade: deficiências, transtornos ou sem deficiência. O livro em questão, traz atividades e maneiras para se trabalhar todo o processo de aprendizagem da leitura e escrita nas séries iniciais.

Capovilla e Seabra (2010) no livro *Alfabetização Método fônico*, chamam de década perdida ao período entre 1995-2005 por adotarem outro método de alfabetização.

Dados oficiais do MEC comprovam o fracasso na educação sobre a hegemonia do construtivismo. Dados do SAEB – INEP apontam resultados nos exames, aos quais os alunos se submetem, quedas significativas na competência de leitura de todas as séries no período entre 1995 a 2005. Este resultado reforça as críticas de quem defende o método fônico como o mais eficaz à alfabetização.

Fernando César Capovilla é psicólogo e mestre em psicologia da aprendizagem, PHD em psicologia experimental e livre docente em neuropsicologia clínica. É considerado uma das maiores autoridades em alfabetização no Brasil, seguindo a abordagem fônica bem como outros pesquisadores.

Segundo esse autor e outros colaboradores, por conta do nítido fracasso na educação básica no Brasil, seria possível reverter esse quadro através do método fônico, caso fosse adotado em sala de aula. Defendem os autores, que o método proporciona a criança uma ótima aprendizagem e diversas descobertas. Além disso, o método traz ao professor a alegria, importância e encanto de sua profissão, proporcionando-lhe prazer e eficiência, e descobrindo e compartilhando junto com os alunos, a aventura da descoberta e do conhecimento.

Os autores que defendem o método fônico, assim como Capovilla, registram que após extensivos estudos à procura do método de alfabetização mais eficaz, os Estados Unidos, a França e o Reino Unido decidiram adotar oficialmente o método fônico. Mas

no Brasil o quadro é outro, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e Cultura (MEC), pregam outro método de alfabetização que, de acordo com aqueles países, é ultrapassado, improcedente e ineficaz.

Segundo críticas de quem defende o método fônico, as medidas do MEC têm custado caro ao aluno brasileiro, cuja competência em leitura e escrita não avança e nem diminui o número de analfabetos, pois, “mais de um quarto de todas as crianças que ingressam na primeira série do ensino fundamental fracassa e não chega à segunda série” (CAPOVILLA & SEABRA, 2010, p. 14).

Só em 2001, dos 5,98 milhões de crianças matriculadas na primeira série, 26,2% não conseguiram aprender e fracassaram antes de chegar à segunda série. Ou seja, só em 2001, a alfabetização brasileira falhou com 1,57 milhões de crianças já em seu primeiro ano de ingresso na escola (CAPOVILLA & SEABRA, 2010, p. 13).

Capovilla e Capovilla (2013) enfatizam que não se pode confundir o método fônico com um método tradicional, pois o método fônico é um ensino dinâmico onde os professores usarão atividades lúdicas levando os alunos a assimilarem e aprenderem através desta dinâmica de ensino.

Portanto, uma primeira característica segundo Capovilla e Capovilla (2004) que distingue a maior parte das crianças que fracassam em aprender a ler é a baixa habilidade metafonêmica, a qual também é chamada de consciência fonêmica, como afirmam:

A fala sendo concebida como um fluxo no tempo de certo número limitado de fonemas que se combinam e recombinaem em diferentes ordens conforme regras convencionais compondo diferentes palavras faladas, e que esses fonemas podem ser convertidos em seus grafemas correspondentes num mapeamento de ordem conforme a sequência tempo-espaço (da esquerda para a direita na linha, e de cima para baixo entre linhas), e com lacunas para separar as palavras (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2004, p. 77).

No livro *Alfabetização Método fônico*, os autores apresentam pesquisas científicas que comprovam a superioridade do método fônico e apresentam de como implementá-lo na sala de aula, com várias sugestões de atividades e de como alfabetizar através do método.

O método fônico é baseado no ensino dinâmico do código alfabético, ou seja, das relações entre grafemas e fonemas em meio a atividades lúdicas planejadas para levar as crianças a aprenderem a codificar a fala em escrita, e, de volta, a decodificar a escrita no fluxo a fala e do pensamento. Ele é inteligente, lúdico e nada mecânico. Por

este método as crianças são alfabetizadas em quatro a seis meses (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005)

Seguem, de forma resumida, algumas sugestões para implementação do método fônico no processo de aprendizagem da criança, com algumas figuras do livro de Capovilla e Seabra.

No Método Fônico as letras são pronunciadas sempre fazendo a relação fonema/grafema, conforme pode ser observado, como exemplo, nas figuras 1 e 2.

Figura 12 – Relação Fonema Grafema

	A	a	G	a
	E	e	ε	e
	I	i	ɨ	i
	O	o	o	o
	U	u	u	u

Fonte: Capovilla & Capovilla (2000)

Figura 13 – Letras com figuras de associação.



Fonte: Capovilla & Copovilla (2000).

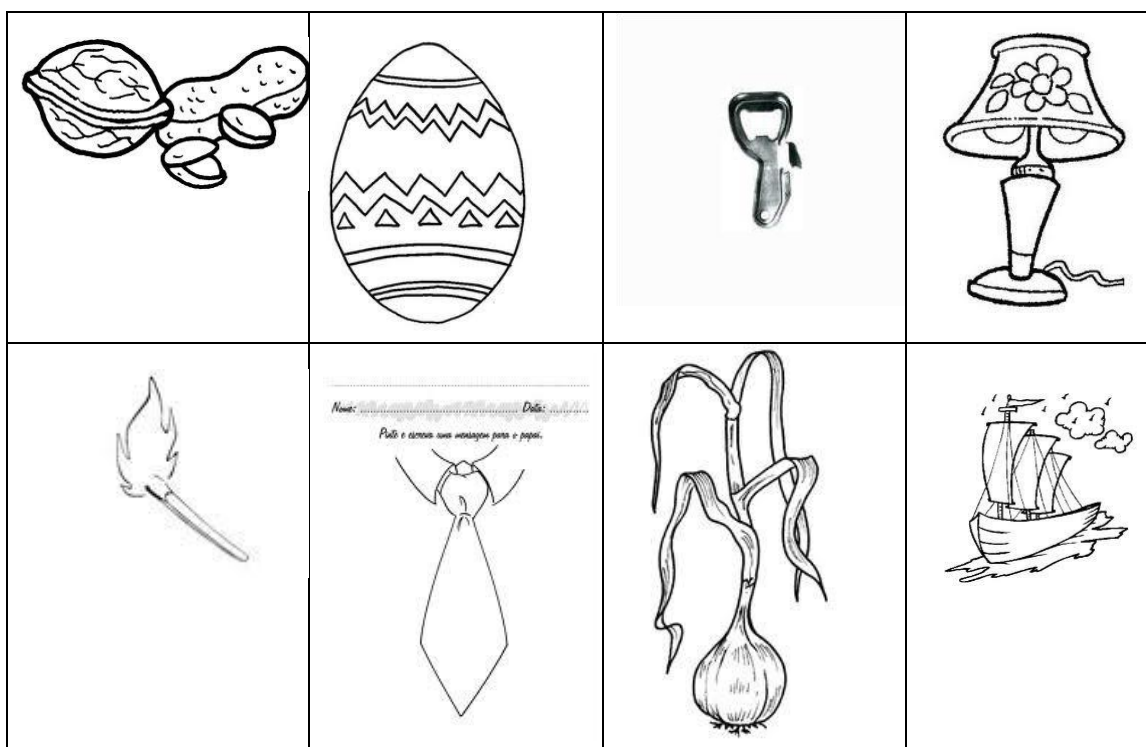
Nessas duas figuras, Capovilla e Seabra (2010) sugerem exercícios que levam em consideração atividades pedagógicas, tendo em vista a consciência fonológica incluindo sempre um diálogo em sala de aula.

Dizem esses autores, que na fase inicial de alfabetização é fundamental que seja apresentada às crianças, o nome e sons das letras, pedindo-lhes que brinquem com esses sons, repetindo em voz alta até assimilarem bem os sons de cada letra ficando íntimas com elas.

Capovilla e Seabra (2010) orientam que o trabalho deve ser iniciado com a vogal **A** (caixa alta), maiúscula, dizendo às crianças que essa mesma letra é apresentada de outras maneiras, assim o professor deve escrever na lousa a letra **A** de forma minúscula, cursiva maiúscula e cursiva minúscula. Culminando cm uma atividade de fixação. Exemplo circular as figuras que começam com som de **A**.

Outra sugestão se relaciona ao uso de figuras, a exemplo: amendoim, ovo, abridor, abajur, fósforo, gravata, alho e barco, conforme segue nas ilustrações:

Figura 14 : Atividades de fixação vogal **A**



Fonte: Capovilla & Seabra 2010.

Os autores também sugerem que o professor convide os alunos para completar os nomes das figuras com a letra **A**, sendo que inicialmente o professor deve nomear todas as figuras com as crianças, e na sequência nominá-las.

As canções também é uma atividade sugerida por Capovilla & Seabra (2010). O professor apresenta uma música considerando que as crianças conhecem a música. Depois de cantá-la, o professor deve pedir às crianças para fazerem um círculo em todas as vogais **A** no texto da música.

Assim segue-se nesta dinâmica de estrutura metodológica até que todas as vogais sejam apresentadas. Essas são somente as propostas iniciais dentre outras que o livro *Alfabetização Método Fônico*, que Fernando C. Capovilla e seus colaboradores trazem sobre a implementação do método fônico na alfabetização.

2.2.2 Livro Aprender a ler e escrever com o método das Boquinhas, de Renata Jardim

O *Método das Boquinhas* é um método fonovisuarticulatório, pois segundo a sua autora, o método usa estratégias fônicas (as boquinhas). Inicialmente, o método foi desenvolvido para trabalhar os distúrbios da leitura e escrita, no entanto, o método foi e ainda é usado em salas regulares, consultórios, escolas, além de o seu desenvolvimento ser alicerçado na fonoaudiologia, em parceria com a pedagogia, que o sustenta, sendo

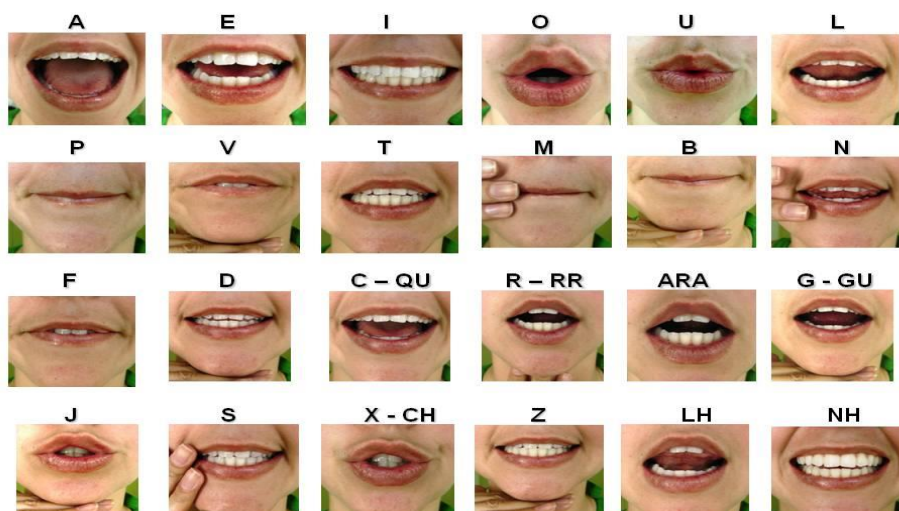
indicado para alfabetizar qualquer criança e mediar/reabilitar as dificuldades da leitura e escrita.

O método das Boquinhos viabiliza e favorece a alfabetização a partir da conscientização fonoarticulatória e com esse conhecimento, atinge-se seguramente, e de maneira rápida e eficaz, a conversão fonema/grafema, viabilizando a compreensão e utilização do sistema de escrita alfabética da Língua Portuguesa.

Desse modo, se torna um método oralista, fônico e articulatório de alfabetização, que além de viabilizar a aquisição da leitura e escrita pela fala, fortalece a correta articulação, propiciando uma mediação pedagógica e preventiva das alterações fonológicas de fala e processamento auditivo, reforçado nas orientações de atuação da Fonoaudiologia na Educação (CRFA- 2ª REGIÃO, 2010).

Então, partindo da BOCA, foi acrescentado ao método fônico de alfabetização, os pontos de articulação de cada letra ao ser pronunciada isoladamente a que chamamos de articulemas, ou Boquinhos. Desta forma, é possível a aprendizagem em uma boca concreta que produz o som que está inserido dentro de palavras significativas, que por sua vez, estarão imersas em frases e textos.

Figura 15: Método Boquinhos



Fonte: Alfabetização e o método das boquinhos

Segundo Domínguez (1994); Jardini e Vergara (1997); Jardini e Souza (2002), o trabalho direto com os fonemas e a análise fonológica orienta as crianças quanto ao sistema de sons da fala, favorecendo a ruptura do código oral e facilitando a tomada de

consciência (metacognição) por parte da criança dos elementos constitutivos da linguagem escrita e de seu funcionamento, podendo compreender o sistema de escrita alfabética (SEA) mais facilmente.

.É sabido que o ponto de partida do ser humano na aquisição de conhecimento reside na BOCA, inicialmente exercendo a função de respirar, seguida de se alimentar e paulatinamente na produção de sons – fonemas, que são transformados em fala, meio de comunicação inerente ao ser humano. Assim, partindo-se do pressuposto de que as habilidades de falar e escutar, no que diz respeito aos sons da língua, já estariam dominadas pelas crianças, pelo menos em termos de possibilidades neurogenéticas, essas habilidades poderiam nortear o universo a ser descoberto, isto é, a leitura e escrita (JARDINI, 2002, p.1).

Assim, segundo Jardini (2002), a criança aprende com mais prazer, a leitura, a escrita, são feitos com alegria segurança levando a criança ter desejo de aprender mais e com mais eficiência.

2. 2.3 Livro A história da Abelhinha

O método fônico no livro “A história da abelhinha” foi criada pelas educadoras Alzira Sampaio Brasil da Silva, Lúcia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso, pesquisadoras em alfabetização.

O referido método, segundo Borges (2017), foi experimentado inicialmente na escola Guatemala, no Rio de Janeiro, isso em 1965. As características desse método, assim como os outros métodos fônicos, é a memorização dos sons preocupando-se com a leitura. Em A história da Abelinha, o livro acompanha um guia para os professores que seguirão todos os passos para a implantação do método. Nesta história, o personagem principal é uma abelhinha, que tem grande importância para o emprego do método no enredo da história. Na utilização do método em estudo são usados prioritariamente recursos fônicos e visuais (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005)

No cartaz do método a seguir com o grafema e o fonema, o barulhinho da letra, facilita assim a memorização através de leitura diária e o aprendizado uma vez que os desenhos apresentados tomam o formato da letra facilitando o momento em que a criança precise lembrar o som.

Figura 16: Cartaz letra A



Fonte: <https://www.google.com.br/história-da-abelhinha>

O Método da Abelhinha apresenta três etapas seguidas de objetivos, duração, recomendações e sugestões de atividades. De acordo com o guia do professor, as etapas são as seguintes: Período Preparatório ou Integração da Criança, História ou Início da Alfabetização e Completando a Alfabetização. O ponto central do método é a apresentação da “História da Abelhinha” organizada de forma continuada e dividida em sete capítulos, onde os personagens são apresentados e associados a sons e letras (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005).

Figura 17: cartaz letra E

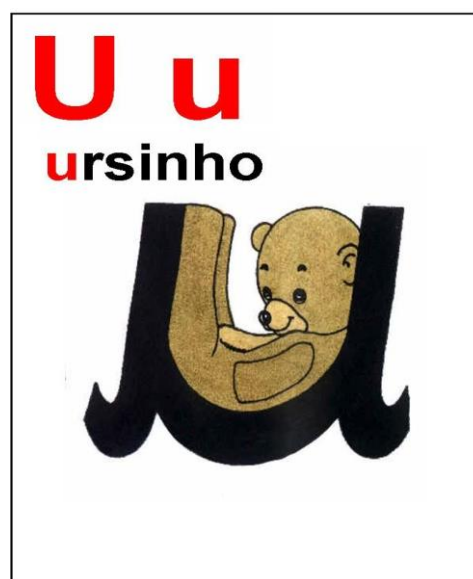


Figura 18: Cartaz letra I



Figura 19 : Cartaz letra O

Figura 20 : Cartaz letra U



Fonte: <https://www.google.com.br/história+da+abelhinha>

O primeiro capítulo do livro *A história da Abelhinha* se refere às vogais. Antes de contar a história é realizada toda uma motivação. A professora fala aos alunos que na próxima semana ela contará aos alunos uma história mágica, e que esta história é capaz de fazer a mágica de ajudar os alunos a aprender a ler, pois esta história ensina o código da leitura (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973). Assim, a motivação, juntamente à fixação, são as peças chaves deste processo.

Nesse livro, as vogais são as principais personagens da história. A história consiste basicamente em uma aventura de uma abelhinha (fonema **a**) que nasceu com apenas uma asa, e que por não conseguir voar ela se cansa facilmente nas brincadeiras e exclama: **aaaaa!!!!**. Seus amigos de brincadeira são uma escova mágica (fonema **e**), que por ser mágica sempre diz que é uma voz rouca e misteriosa: **é, ê**. Brincam também com um indiozinho (fonema **i**) que vive a gritar: **iiiiiii!** E também com um levado ursinho (fonema **u**) que para assustar os amigos se esconde atrás de uma moita e faz: **uuuuuuuu!** (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

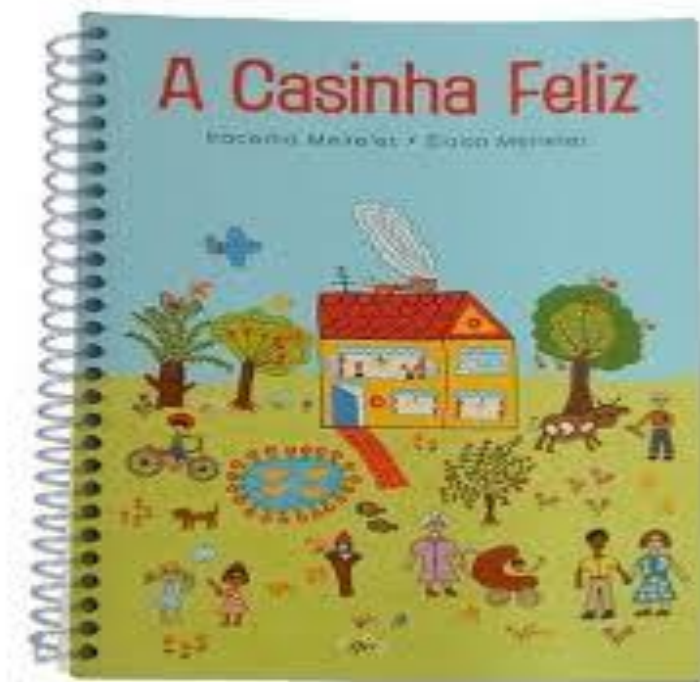
Após a apresentação deste capítulo da história, durante toda uma semana são trabalhados um por dia, os “retratinhos” dos “barulhinhos”, ou seja, o grafema dos fonemas. Inicialmente o (a) professor (a) escreve o “retratinho” no quadro, bem lentamente, depois ele/ela pede que as crianças façam no ar, junto a ela o movimento da escrita. Depois é pedido que as crianças vão, uma a uma no quadro, e passe o dedinho sobre o “retratinho” do “barulhinho”, em seguida, são levadas ao pátio onde a criança é convidada para passar o dedinho sobre o “retratinho” do “barulhinho” feito de lixa.

Depois, as crianças são levadas ao pátio, onde o(a) professor(a) escreve o “retratinho” do “barulhinho” no chão e a criança caminha sobre ela na forma correta de escrever. Apenas depois disso é que a criança é convidada a escrever em um caderno rascunho ou caderno borrador o “retratinho” do “barulhinho”. E assim, uma por dia, as vogas são trabalhadas (SILVA, PINHEIRO, CARDOSO, 1973).

SEÇÃO III - CARTILHA “A CASINHA FELIZ”

Nesta seção será apresentado o método fônico na cartilha “A Casinha Feliz”, livro que eu tive o interesse de buscar compreender e aprender sobre a funcionalidade do método fônico, seus fundamentos pedagógicos bem como sua prática no processo de alfabetização.

Figura 21: Cartilha A casinha Feliz



Fonte: espaco-saber1.blogspot.com/2014/03/cartilha-casinha-feliz-metodo-de.html

A cartilha A Casinha Feliz é mais um livro onde é usado no ensino fônico. Esta cartilha foi escrita por Irecema Meireles e Eloisa Meireles. Segundo Freitas (2001) a cartilha A casinha Feliz é um conto infantil que mostra a vida de uma família e as aulas são desenvolvidas através de teatro, jogos e brincadeiras. A sala transforma-se num espaço interativo de aprendizagem. Espaço pelo qual as crianças se deixam envolver na experiência fascinante da leitura e da escrita. Ainda segundo a autora o método ou os recursos usados na casinha feliz para alfabetizar foi gestado ao longo de muito estudo e observação do comportamento infantil.

Na história de A Casinha Feliz, as letras viram personagens e têm vida. Cada uma tem característica própria que pode ser vista, escutada, tocada, apalpada e sentida pelas crianças. Como o método, assim como os outros métodos fônicos mencionados anteriormente têm caráter lúdico, a história é contada através de um pequeno teatro de bonecos, com versos, falas e tudo aquilo que é próprio de um teatrinho para crianças.

Freitas (2001) afirma que o método fônico em A Casinha Feliz, criado há décadas por Iracema Meireles e Eloísa Meireles, ainda tem, até hoje, grande eficácia onde é utilizado. As letras que são as personagens são integradas à vida cotidiana da “casinha feliz”. Elas dialogam com as crianças e os adultos em sala de aula. Assim, essa forma de trabalhar as letras tornam mínima a necessidade de memorização possibilitando a apresentação de vários fonemas num mesmo dia.

Freitas (2001) ainda enfatiza que a rapidez com que os alunos se alfabetizam favorece sua autonomia e abre imensas possibilidades ao desenvolvimento da leitura e à produção dos mais diferentes tipos de texto ao longo do ano letivo.

Portanto a sala de aula deve ser, desde o primeiro dia, o lugar do livro de história, da gravura, do poema, do texto ilustrado pelas crianças, da pesquisa no jornal e na revista, das lendas das parlendas, das adivinhações, do desenho, da pintura, da expressão do próprio pensamento e do diálogo com o outro (FREITAS, 2001, p. 1).

A cartilha ou o método A Casinha Feliz teve um momento histórico e marcante ao longo do tempo desde sua criação, os momentos marcantes que serão expostos a seguir são organizados por Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiro Brito. Verbete de Maria Dolores Coni Campos.

1950 - O Método Iracema Meireles começou a ser concebido, no Rio de Janeiro, a partir de reflexões e estudos decorrentes da experiência de alfabetizar um menino portador de dificuldade de aprendizagem.

1952 - Iracema Meireles fundou com Nícia Macieira o Jardim de Infância Santa Ignez, atualmente o Instituto Nícia Macieira, em Lins de Vasconcelos. Nesse Jardim de Infância, essa autora começou a experimentar caminhos que trouxessem maior consistência à sua pesquisa no trabalho de alfabetização em grupo (CAMPOS, 2002).

1954 - No propósito de fazer da sala de aula o espaço da aprendizagem que fosse também o espaço da descontração, da criatividade e da livre expressão, Iracema Meireles fundou, em Ipanema (Rio de Janeiro), a Escola de Brinquedo, onde a alfabetização se desenrolava no teatrinho de bonecos.

1961- A Escola Pública do Estado da Guanabara abre suas portas ao novo método: Escola Artur Ramos, sob a direção da Professora Francisca Horácio. A notícia chegou à chefia do Distrito Educacional e a escola ficou sob observação dessa chefia.

Nesse ano, a Escola Parque Proletário da Gávea, sob a direção da Professora Sylvia Carmen Leite Alves, adere ao método que está dando ótimos resultados na escola Artur Ramos. A chefia do Distrito Educacional envia relatório à Escola Guatemala que era o centro de estudos e de experiências pioneiras do Estado. A notícia chega ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação e Cultura - INEP/MEC.

1962 - O INEP encarregou uma comissão chefiada pela Professora Consuelo Pinheiro para emitir um parecer sobre o método observando o trabalho das duas escolas. Assim, iniciou-se, em caráter experimental, o trabalho com adultos, uma adaptação do mesmo método, nas antigas favelas da Catacumba e da Praia do Pinto.

1963 - Com base no parecer do INEP, em face dos resultados obtidos com as crianças das escolas públicas da Guanabara, a Professora Carmen Spindola Teixeira, diretora do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, Salvador, BA, levou o método para a famosa Escola Parque, na Bahia.

Ainda, no final de 1963, consequência da experiência positiva na Escola Parque da Bahia, saía, no final do mesmo ano, a pedido do Professor Anísio Teixeira, a primeira edição da Casinha Feliz, produzida pelo INEP/ MEC. A cartilha foi publicada com o nome de História da Casinha Feliz, em 3 volumes, 4 cores, ilustrada por Aldemar d'Abreu Pereira. Não podia ser vendida.

Os professores das turmas A, isto é, dos alunos analfabetos, orientados pelas supervisoras do Setor de Currículo e Supervisão, adotam dois métodos de alfabetização: o fônico de Iracema Meireles (Casinha Feliz) e o de contos de Maria Ivone de Araújo (Meninos Travessos). A maioria é alfabetizada pelo método fônico (de Iracema Meireles) (ÉBOLI, 1969, p. s/n).

Também no ano de 1963, Iracema Meireles apresentou, pela primeira vez, seu método à imprensa, em entrevista à Revista do Ensino número 90, publicação da Editora Globo do Rio Grande do Sul:

[...] Como considerar novo o nosso método se, durante mais de dez anos, nós o aprendemos, nós o estudamos em um livro imenso e belo – a criança? Nosso era só o empenho, o propósito de proporcionar às crianças que aprendiam a ler e a escrever uma situação emocional boa ou mesmo ótima, se possível. Mas isso só se consegue com um mínimo de esforço de memória e um máximo de interesse [...] (MEIRELES, 1963, p s/n).

Em 1964 foram feitas a apresentação e aplicação do método A Casinha Feliz no Curso de Formação de Professores Supervisores do Centro de Pesquisas Educacionais do INEP/MEC, com a prática de ensino na Escola Bombeiro Geraldo Dias, no Rio de Janeiro, sendo que em 1965, o método foi aplicado na alfabetização de adultos internos no Sanatório de Curicica. O relatório, feito pelo departamento médico, encontra-se no local.

Em 1966 quem foi beneficiado com o método foram os adultos jovens do Curso Supletivo da Escola Cício Barcellos. Os resultados estão registrados no relatório da Professora Icles Magalhães e enviados ao diretor do Supletivo, Professor Sayão, que emitiu um documento no qual afirma que o estado deve implementar. “este método, que deu tão bons resultados onde tantos outros fracassaram”. E no ano seguinte, o método foi aplicado na alfabetização de recrutas do Regimento Sampaio, na Vila Militar, no Rio de Janeiro, com a supervisão da Professora Cléa Gonçalves Duarte, Chefe do Distrito Educacional da XII Região Administrativa.

O trabalho com os recrutas do regime Sampaio repercutiu e muitos outros quartéis, em todo o Brasil, alfabetizaram os recrutas com o método. Este fato deu origem, anos depois, à Cartilha do Soldado, uma edição especial da cartilha de adulto, adaptada ao aluno militar.

Analisando o Método Iracema Meireles, o Professor Rocha Lima, catedrático de Português do Colégio Pedro II, assim se expressou em seu Parecer Técnico:

[...] a meio caminho dos processos clássicos da soletração, da silabação e da globalização, não se acorrenta ortodoxamente a nenhum deles, porém não deixa de aproveitar, em suas grandes linhas, alguma coisa da filosofia que a cada um deles lastreia. Mas dá um passo adiante: além de assentar em recursos lúdicos sobremodo criativos, associando a imagem acústica à imagem visual por intermédio do conceito de figura-fonema, observa, com rigorosa exatidão as oposições características do sistema fonológico do idioma, o que, a meu ver, seria suficiente para assegurar-lhe a eficácia.

Em 1969, A Cartilha A Casinha Feliz foi lançada no auditório do MEC, no Rio de Janeiro, como a primeira edição da Cartilha do Adulto, em preto e branco, ilustrada por Vera Tormenta e editada pelo Atelier de Arte. No ano seguinte, a editora Record assumiu mais 34 edições e ficou por 38 publicando a referida cartilha, com o título de *É Tempo de Aprender*.

Em 1971 as autoras das cartilhas *A Casinha Feliz* e *É tempo de Aprender* foram condecoradas com a Medalha do Pacificador, pelos serviços prestados na alfabetização de adultos.

Então, a década de 70 foi de grande expansão do método fônico na cartilha A Casinha Feliz, e depois a cartilha *É tempo de Aprender*, em todo o Brasil. Nesse período, as cartilhas eram utilizadas em todas as camadas sociais, em escolas particulares e públicas, com crianças bem desenvolvidas e também com aquelas portadoras de deficiências.

Sua grande aceitação fez com que se multiplicassem os pedidos de cursos de orientação e acompanhamento pedagógico. As autoras precisavam atender aos professores nos locais mais distantes do país. A Editora Record mantinha como funcionária a Professora Eunica Obino com a atribuição de dar suporte ao método. Aos poucos, foi-se criando uma rede de professoras multiplicadoras: as professoras credenciadas.

A primeira funcionária credenciada à rede foi a Professora Sylvia Bahia Guimarães, de Salvador, na Bahia, tida como pioneira deste trabalho de divulgação, capacitação e acompanhamento da funcionalidade da cartilha, tendo, em 1972, o Parecer expedido pelo INEP, escrito por Lourenço Filho, que afirmou:

[...] Há alguns anos, as Professoras Iracema Meireles e Eloisa Meireles Gestaram e criaram um método de alfabetização que denominaram de fonação condicionada e repetida, cujos resultados em turmas de crianças têm sido excelentes, conforme tivemos ocasião de verificar em escolas primárias comuns.

O material linguístico selecionado e graduado aproveita as vantagens de nossa língua, na aprendizagem em vista, quais sejam as de regularidade fonética e composição silábica, regular da maioria das palavras. Nos países de língua de escrita fonética quase regular, como o português e o espanhol, a adoção de tal forma didática se impõe, pois desprezá-la seria como um contra-senso (LOURENÇO FILHO, 1972).

Após este parecer, A Casinha Feliz foi incluída no catálogo da Fundação de Amparo ao Estudante – FAE – que financiava um programa de distribuição de livros didáticos às escolas públicas, atendendo à solicitação dos professores. No início do programa, cada professor escolhia os livros com os quais quisesse trabalhar. A Casinha Feliz era pedida por um grande número de professores, chegando muitas vezes a atingir o número de 90 mil cartilhas.

Em 1982, morreu, no Rio de Janeiro, Iracema Meireles. Em 1985 - *É Tempo de Aprender* também passou a fazer parte, junto com a Casinha Feliz, da lista de livros didáticos do programa da FAE – MEC.

O município de Paraty, no Rio de Janeiro, criou em 1992, o Programa Especial de Alfabetização e, para tanto, promoveu a capacitação dos professores no Método

Iracema Meireles. Em determinado trecho de seu relatório, o Professor Sandro Ramiro, Secretário de Educação do município, conta:

[...] construímos as casinhas de bonecos do teatrinho da Casinha Feliz, os professores confeccionaram os bonecos, prepararam todo o ambiente e reaprenderam a cantar, contar histórias, a criar situações a partir da parte lúdica, da apresentação dos fonemas e a alfabetização passou a ser como uma brincadeira. Tais alunos eram alfabetizados como num passe de mágica, produziam textos, livros, histórias e seus próprios desenhos, era realmente a perspectiva de um futuro melhor que vivíamos [...] (1992).

Em 1993, o município de Luziânia enfrentava em 1992 uma reprovação de 90% de seus alunos das classes de alfabetização e com a aplicação do método, atingiu em 1993 a porcentagem de 96% de aprovação nessas classes. As informações estão disponíveis na Secretaria de Educação, ou com a Professora Cleuza Meireles, ex-Secretária de Educação.

Em 1997, as cartilhas *A Casinha Feliz* e *É Tempo de Aprender* foram sumariamente cortadas do catálogo do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/MEC, sob a alegação de conterem erros conceituais. Nesta época, o MEC só aceitava cartilhas autodenominadas construtivistas. Como as referidas cartilhas empregavam método é fônico, elas foram excluídas. Desse modo, em 1999, *A Casinha Feliz* e *É Tempo de Aprender* saíram da Editora Record para a Editora Primeira Impressão.

No final do ano 2002, o município de Pirapora realizou uma experiência de alfabetização bem-sucedida, quando reuniu todos os professores e fez uma consulta: diante do triste quadro de evasão escolar e defasagem idade/série, que método usar para alfabetizar? Os professores votaram em *A Casinha Feliz*. Assim, a cartilha foi escolhida. Nesse mesmo ano, a percentagem de crianças alfabetizadas foi de 81%.

Com a notícia deste resultado, no mesmo ano, Iracema Meireles foi incluída no dicionário de educadores no Brasil – da Colônia aos dias atuais, organizado por Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Britto, publicação da Editora UFRJ-MEC/INEP, 2002

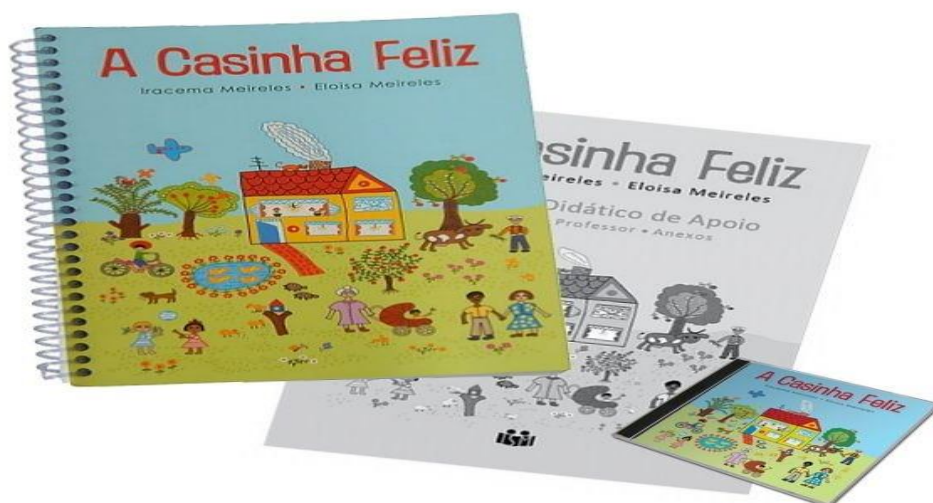
Em 2006, morre no Rio de Janeiro, Silo Meireles Filho, o maior e mais eficiente defensor do Método Iracema Meireles nos últimos anos e dois anos após *A Casinha Feliz* e *É Tempo de Aprender* passam para a Editora Didática e Científica, sofrendo reformulações e atualizações assim como o material pedagógico que a acompanha.

3.1 A MATERIALIDADE FÍSICA DA CARTILHA “A CASINHA FELIZ”

Conforme nos apresenta Campos (2001), a cartilha A Casinha Feliz, em sua atual versão, é composta pelo livro do aluno e o livro do professor, além de um livro de apoio.

O material que compõe a cartilha é confeccionado em espiral colorido com 208 páginas, que funciona como cartilha livro de leitura. Campos (2001) reforça que na classe de alfabetização é importante que os alunos tenham o livro, pois nele acompanharão as ilustrações das histórias lida pela professora e executarão tarefas propostas tais como: desenhos, jogos, desafios etc.

Imagem 22: Cartilha A Casinha Feliz do professor e aluno e material de apoio livro e CD



Fonte: <http://www.acasinhafeliz.com.br/material.htm>

Ainda sobre a materialidade física, o método Iracema Meireles, A Casinha Feliz possui material didático e de apoio, que é um livro de brochura em preto e branco com 192 páginas, destinado a professores, psicopedagogos, fonoaudiólogos e pais que desejam alfabetizar seus filhos, esse material traz a fundamentação teórica do método Iracema Meireles mostrando passo a passo o processo de alfabetização com leituras complementares, anexos com material para que o alfabetizador fabrique todo seu material para implementação do método como bonecos, letras, cartazes etc.

Uma breve demonstração de uma parte do enredo da história “A Casinha Feliz” do método fônico Iracema e Eloisa Meireles.

Figura 23: A família da Casinha Feliz- fantoches



Fonte: <http://estimulacaoinfantil.blogspot.com/2013/08/>

Figura 25: As vogais: Amiguinhos da história A Casinha Feliz



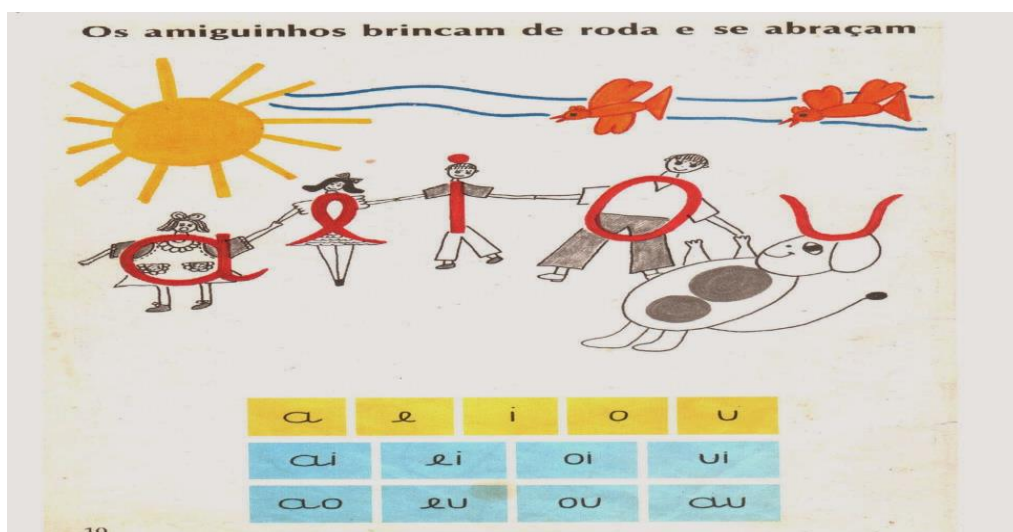
Fonte: <http://www.acasinhafeliz.com.br/material.htm>

Figura 26: Conteúdo do Material de apoio livro e CD de A Casinha Feliz



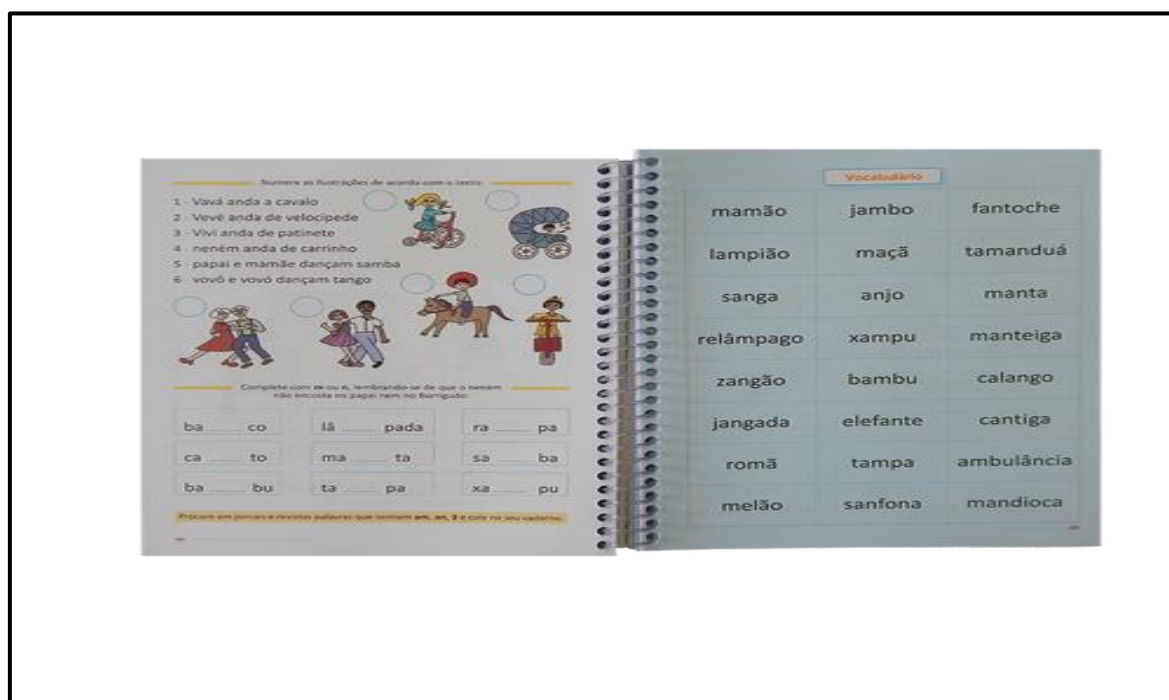
Fonte: <http://www.acasinhafeliz.com.br/material.htm>

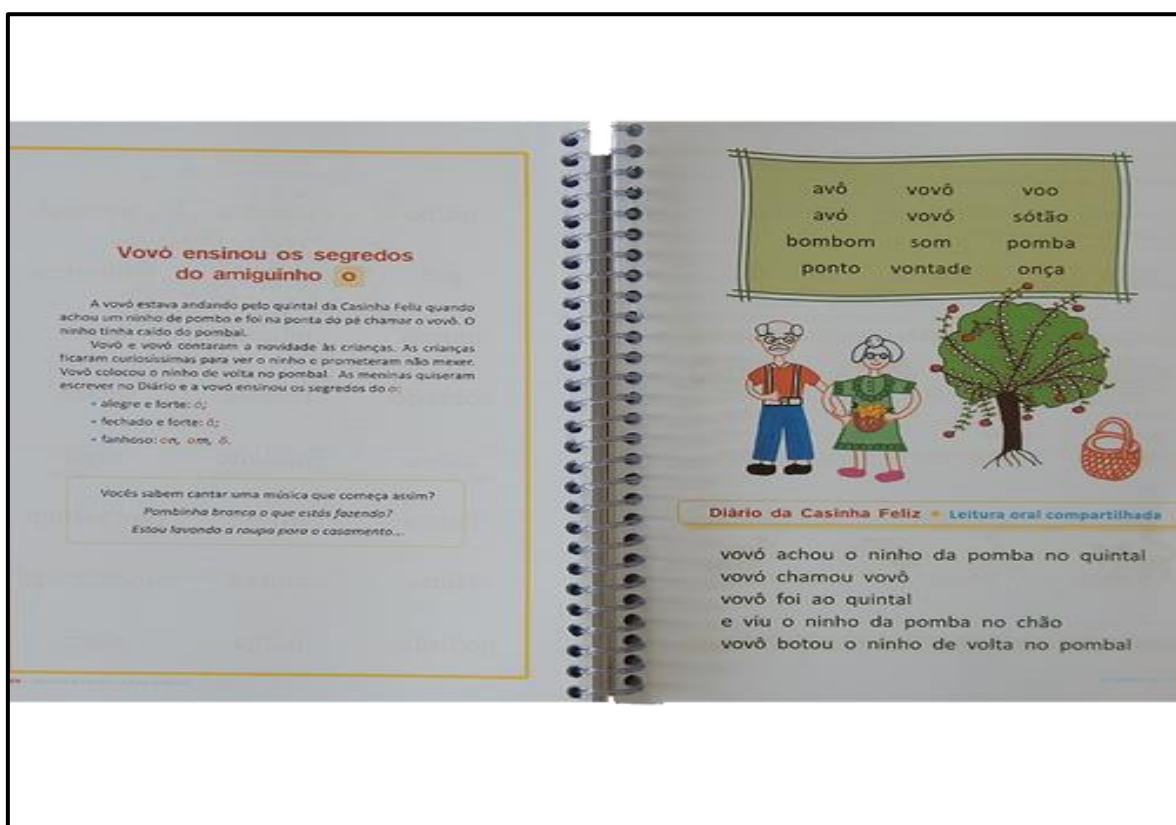
Figura 27: Os amiguinhos brincando de roda, os encontros vocálicos da Casinha Feliz



Fonte: <http://www.acasinhafeliz.com.br/material.htm>

Figura 28: Parte interna da cartilha





Fonte: <http://www.acasinhafeliz.com.br/material.htm>

Ainda na parte interna da cartilha, encontram-se as histórias e versos:

A história da **Casinha Feliz**

Era uma vez uma casinha muito bonita, bem no meio de um quintal cheio de bichos árvores... essa casinha era chamada de casinha feliz. Na casinha feliz moravam: papai, mamãe, vovó, vovô, Vavá, Vevé, Vivi e neném. A carruagem parou bem no portão da casinha e logo saltaram cinco amiguinhos. Cada um mais engraçado que o outro. Eram vermelhinhos e falavam alto. O primeiro foi logo dizendo:

Versinho d a letra **A**

*Redondo como uma bola
Tenho um gancho de espetar
Para dizer o meu nome abara a boca bem aberta
Para o gancho poder passar: aaaaa*

Versinho da letra **E**

*O meu corpo é um lacinho
Sou toda perequeté*

*Cintura de bailarina
Vejam se é ou não é: éééé*

Versinho da letra **I**

*Tenho um pingo na cabeça
Mas magrinho nunca vi
Para falar o meu nome
Nem precisa a boca abrir: iiiii*

Versinho da letra **O**

*Redondinho e oval
Da vovó sou o xodó
Abra a boca igual a mim
E diga de uma vez só : ooooo*

De repente se ouviu o mungido de um boi e outro amiguinho se aproximou:

Versinho da letra **U**

*O boizinho quando muge
Está por mim a chamar
Quero ver quem é que pode
O meu nome adivinhar: uuuu*

Este amiguinho que morava na cabeça de um boizinho manso. Foi assim: No tempo antigo, tempo em que os bichos falavam, o boizinho foi para a escola. Ele queria aprender a ler. Mas acabou só aprendendo uma letra: **u**. Por isso ele botou o **u** na cabeça e saiu por aí. De vez em quando ele grita bem alto: uuuuuu!

Vevé e Vivi estavam passando o dedinho no retrato dos amiguinhos quando, de repente, eles voltaram ...no fim, todos iam se abraçando e dizendo seus nomes: o **a** abraçava o **i** : ai e o **e** abraçava o **u**:eu.

Um dia todo, as crianças estavam brincando de roda, quando a vovó escutou os amiguinhos cantando assim: (com a melodia da música ciranda cirandinha)

*Somos só cinco amiguinhos
Que se querem muito bem
Podemos falar sozinhos
Sem precisar de ninguém
Ajudante para falar
Tem que se encostar em nós
Porque ajudante sozinho*

Coitadinho não tem voz

Assim a história continua com cada letra quer torna-se um personagem, depois chegam os ajudantes que são as consoantes onde cada uma tem um som e o professor ensinará as junções dos ajudantes com os amiguinhos que formarão sílabas, e assim as crianças vão aprendendo de maneira divertida e lúdica, o material da cartilha *A Casinha Feliz* é composto também de CD onde estão as músicas que também farão parte da aprendizagem dentro do enredo da história tornando assim a memorização mais fácil e servindo de suporte para a fixação do método fônico *A casinha feliz*.

Uma pequena parte da apresentação com os ajudantes e os amiguinhos e seu funcionamento: com a consoante **p**:

As meninas, curiosas, perguntaram logo quem eram esses tais ajudantes. A vovó então explicou:

-Ajudantes são outros visitantes que vão chegar na casinha feliz. Eles são muito diferentes dos amiguinhos, pois falam baixinho e só criam força se abraçarem um dos amiguinhos. Lá vem o ajudante do papai (é o martelo do papai) fazendo seu barulhinho bem baixinho: p p p (não se ouve quase nada) até que ele encontra o a e dá um abraço bem forte: pá

E a história continua com as outras consoantes cada uma com uma história diferente.

3.2 FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS DO MÉTODO A CASINHA FELIZ

As autoras Iracema e Eloisa Meireles através das experiências com a alfabetização convenceram-se de que alfabetizar uma criança é resolver um problema de psicologia infantil, tendo em vista aquela “função-de-globalização” descrita por Decroly, que é o mesmo “sincretismo infantil”, isto é, tentar a alfabetização partindo do que mais está de acordo com o interesse infantil: a história. História que conduziria à sentença e, também, ao jogo, ao brinquedo; mesmo porque, para a criança, o brinquedo é uma forma embrionária de trabalho.

Ressalta ainda Meireles (1972), a criança que brinca está trabalhando a seu modo. E ela indagava: quem não observou, ainda, uma criança a viver suas horas de brinquedo, de ficção, desenvolvendo, muitas vezes, atividade verdadeiramente febril, com a mais absoluta seriedade tal como qualquer adulto, no desempenho de importante função? Meireles exemplifica:

O método de alfabetização usado por nós, surgiu aos poucos, através de mais de 20 anos de experiências e paciente observação. Teve, como ponto de partida, o caso particularmente difícil de um menino de 12 anos, filho de um oficial do exército e o mais novo de 8 irmãos, todos bons estudantes de ginásio e de cursos superiores. Apesar de vivo e inteligente, continuava analfabeto até aquela idade. Vários métodos tinham sido já inutilmente tentados. Repelia tudo que se parecesse com caderno ou cartilha. Irritava-se, chorava, bocejava. Cuidamos do caso com particular dedicação. E, tendo em vista os interesses peculiares àquela idade, resolvemos desenvolver nosso trabalho na base de brincadeiras, e de jogos. Realmente, através do jogo, o interesse apareceu e a situação foi melhorando. Posteriormente, com a descoberta e correção de uma deficiência visual, tudo começou a se acertar.

Terminou o caso daquela criança, mas estava apenas a iniciar-se a nossa experiência, a nossa observação, o nosso trabalho cheio de verdadeiro interesse pelas questões relacionadas à alfabetização. Assim, depois de termos vivido sucessivas etapas, acreditamos, afinal, poder apresentar nosso método.

Antes, entretanto, queremos recordar aqui a impressão profunda que sempre nos causou a consideração do imenso esforço de memória, de disciplina e de atenção, que se exigia da criança que aprendia a ler e escrever, principalmente, se o fazia por método sintético, fosse pela silabação, fosse pela soletração – o mais antigo dos métodos – pelo qual aprenderam gerações e gerações anteriores à nossa e pelo qual, ainda hoje, muitos alunos se alfabetizam, sobretudo nas regiões mais afastadas dos grandes centros. A soletração é, como se sabe, o método de mais fácil manejo por parte do professor, embora o mais penoso para o aluno, obrigado que é a um imenso esforço de memória. Imagine-se a criança que, depois de decorar 92 letras (minúsculas, maiúsculas, cursivas e de forma), precisa ainda decorar suas combinações, para só então chegar à sílaba e desta à palavra (MEIRELES, 1972).

A cartilha A Casinha Feliz é um método de fonação, global fonético porque parte da letra contextualizada onde elas aparecem associadas a figuras do universo do aluno, as figuras-fonema. O aspecto lúdico deste método cria uma ligação afetiva forte entre alunos e letras, o que torna a aprendizagem muito rápida.

A proposta pedagógica do método de Iracema Meireles parte do princípio de que o domínio da leitura e da escrita amplia a capacidade de autonomia necessária para que o aluno avance no processo de construção do seu conhecimento. De acordo com os seus fundamentos, Meireles afirma:

Não inventei nada. Na minha vida de magistério, aprendi a observar a criança, o seu modo de agir e reagir, as suas dificuldades pessoais. Creio que a professora é tanto mais professora quanto mais e melhor entende seus alunos. O êxito da criança na aprendizagem (portanto êxito também da professora) depende muito mais daquilo que a professora recebe da criança do que daquilo que lhe dá. Se a mestra sabe receber, isto é, aceitar o aluno como ele é, atentar para o que ele traz ou necessita, então tudo dá certo. Como considerar novo o nosso método, se durante mais de dez anos, nós o aprendemos, nós o estudamos em um livro imenso e belo – a Criança. Nosso era só o empenho, o propósito de proporcionar às crianças que aprendiam a

ler e a escrever uma situação emocional boa ou mesmo ótima, se possível. Mas isso só se consegue com um mínimo esforço de memória e um máximo de interesse (MEIRELES, 1963, REVISTA DO ENSINO NÚMERO 90).

Para Meireles (1963) a importante que a criança tenha tempo para brincar, pois afirma que “brincar é coisa séria” . Quem observar uma criança ficará encatado em vê-la concentrada e naquele seu mundo de brincadeiras como um adulto desempenhando uma importante missão. O dever de casa tem que ser pouco, somente para criar hábitos de responsabilidade do que reforçar a aprendizagem, pois o dever de casa só fará sentido se a criança fizer-lo sozinho sem ajuda dos pais. E a respeito disso questiona a autora: e as crianças que tem pais que chegam tarde cansados do trabalho? Ou, e as crianças cujo os pais não sabem como o ajudar? Meireles valorizava sim a participação da família nos estudos e pesquisas, mas desde que isso não se tornasse um tormento e uma tarefa a ser cumprida apenas por obrigação e não por prazer e alegria de participar desse momento de aprendizagem com sua criança.

Essa autora, sempre procura refletir sobre o método fônico em sua cartilha:

Ampliando mais a partir de 1962 o nosso trabalho, passamos a estendê-lo a adolescentes e adultos, sendo que, para estes, tudo passava a ser condicionado à sua própria vivência, dispensando-se a história.

O método passou a ser: fonação condicionada e repetida conservando suas características: global-fonético, sensorial, logopédico e criativo (MEIRELES, 1972)

Iracema Meireles dedicou sua vida bem como outros colaboradores de seu trabalho, para contribuir com a educação através de seus estudos e pesquisas, e com a convicção de que nenhuma criança é capaz de ler chegando apenas à palavra, sem ir ao seus elementos formadores. Em seus estudos, ela observou que era preciso que chegar à análise silábica e que teria que decidir entre silabar ou soletrar, optando assim em seus estudos e experiências pela silabação e mais tarde deixando-nos um grande legado através de seu método fônico entre eles o trabalho construído ao longo de muitas vivências e experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste trabalho foi fazer uma reflexão sobre o uso de Método Fônico no processo histórico de alfabetização no Brasil, tendo como principal objeto de estudo a cartilha “A Casinha Feliz”, onde o método fônico encontra-se materializado.

Conforme foi inicialmente comentado no corpo deste trabalho, tive conhecimento sobre este método por meio de um trabalho escolar no curso do magistério e, na oportunidade, eu apresentava dificuldade de uso do dígrafo *rr*, sendo solucionado por meio do referido método, quando, por meio das atividades na cartilha “A Casinha Feliz, aprendi a usar corretamente o dígrafo em questão.

Especificamente neste estudo, interessei-me em me aprofundar sobre o processo histórico da alfabetização que envolveram vários métodos de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, entre os quais, o Método Fônico, pois este aprofundamento teórico, faz-se necessário para a minha atuação profissional, sobretudo por observações que eu tenho feito nas diversas práticas curriculares do curso de Pedagogia, que ocorreram em ambientes escolares, a adesão de novos métodos de alfabetização por professores das séries iniciais mas que nem sempre têm trazidos os resultados prometidos.

As transformações ocorridas apontam a supremacia do construtivismo, que aponta discurso o método fônico ultrapassado nos dias atuais, mas também, assim como ocorreu comigo, há a ocorrência da falta de estudos sobre ele e esse desconhecimento por parte de professores das séries iniciais, tem permitido o seu descrédito na sua utilização. No decorrer desta pesquisa, cheguei a ir a campo para constatar da sua utilização, e ouvir de alguns professores que não tinham conhecimento, mas, também, para minha surpresa, embora alguns professores que me falaram que usavam outros métodos mais modernos para alfabetizarem seus alunos, como por exemplo, o construtivismo as professoras com quem conversei, não sabiam definir ao certo o método sobre essa abordagem, apenas informavam que desenvolviam projetos de leitura, mostrando que não sabiam definir ao certo o método que alfabetizavam e, ao mesmo tempo, desprezavam a possibilidade de empregar na sua prática pedagógica, o Método Fônico, com a desculpa de que o uso desse método daria muito trabalho, sem saber explicar o seu emprego em sala de aula.

Esse momento ouvindo as falas das professoras foi muito significativo, pois pude perceber o quanto eu também nunca tinha me dado conta de quanto é importante

ter um objetivo ou um método definido a ser trabalhado, e ainda, como seria significativo se as escolas definissem um método e aprendesse sobre ele.

Ainda direcionada ao objetivo deste trabalho, pude transitar pela história dos métodos de alfabetização: sintético, analítico, misto, contrutivista, fornecendo-me formação e possibilidade de escolha para o meu trabalho como professora alfabetizadora.

Pretendeu-se também com este trabalho, mostrar a materialização do Método Fônico por meio da cartilha “A Casinha Feliz”, que traz uma história, uma didática acessível e materiais fáceis de se produzir, e que poderia ser utilizado em classes de alfabetização, principalmente junto a crianças das séries iniciais que apresentem dificuldades de aprendizagem no acesso à leitura e à escrita, pois, embora os métodos progressivos estejam muito em uso, eles por si só, não têm dado conta de solucionar o elevado índice de analfabetismo que ainda assola a sociedade brasileira. .

É muito importante ressaltar também que o processo de alfabetizar não é um processo fácil, é um processo que requer do educador muita dedicação, é uma jornada constante de estudos, mas que é possível, e para mim é importante pensar o quanto podemos ajudar a diminuir as estatísticas de nosso país no que se diz respeito à alfabetização

Com a reflexão de que em tempos de muitos recursos metodológicos usados em sala de aula com o objetivo de alfabetizar “na idade certa”, e , levando em conta possíveis limitações do seu emprego, vejo interessante considerar diferentes métodos, inclusive o uso do Método Fônico, conforme apresentado em “ A Casinha Feliz”, desprezado pelos progressistas, mas desconhecidos de muitos professores.

Considerando ainda que este trabalho não contempla todos os aspectos do método método fônico, mas instiga a possibilidade de as escolas venham a se interessar por seu emprego e integrá-lo a outros métodos, como uma forma de abranger diferentes alunos que porventura não se adaptem a um único método aderido pela escola.

Este estudo pretende, no futuro, fazer uma intervenção em uma escola municipal de Abaetetuba-Pará, localidade onde estarei atuando como professora das séries iniciais, o que deveria ter sido aplicado, porém, por resistência e dificuldades encontradas não foi possível fazê-lo a tempo de apresentar nesta oportunidade formativa.

Por ora, cabe-me então continuar a buscar por conhecimentos e fundamentações na tarefa mais árdua e mais gratificante que é a de alfabetizar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: método fônico para tratamento**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

BORGES, Elizabeth Maria. **História da abelhinha e o método fônico de alfabetização: Modismo ou eficaz?** Revista Científica FacMais, Volume. XII, Número 1. Abril. Ano 2018/1º Semestre. ISSN 2238-8427.

CAMPOS, Coni, A casinha feliz. Palavra do professor: Disponível:<<http://www.acasinhafeliz.com.br/Autores.htm>/Acesso em : 10 de abril.2018

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização: Método Fônico**. 5.ed. São Paulo: Memmon, 2010.

CAGLIARI, Luiz.Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEUS, J. de (1877). **A Cartilha Maternal e a Imprensa**. Lisboa: Typ. das Horas Românticas.

DOMÍNGUEZ, D. A. B. **Importância das habilidades de análises fonológico da aprendizagem e da escrita**. 1994.

ÉBOLI, Terezinha. **Uma experiência de educação integral**; Centro Educacional Carneiro Ribeiro. 4 ed. Rio de Janeiro: Gryphus,p 21, 2000

FONSECA, Larissa. **Alfabetização e o método das boquinhas**; Papo da professora Denise:Disponível:<<http://www.papodaprofessoradenise.com.br/alfabetizacao-e-o-metodo-das-boquinhas/>Acesso em: 11 de Jun.2018

FRADE, Isabel. Métodos de palavração e de sentencição. **Glossário Ceale**.UFMG:Disponível:<Acesso em: 03 de Mar.2018

FREITAS, Vinícius Adriano . **21- Manual – Método casinha feliz**- pdf. SCRIBD. Diponível:<<https://pt.scribd.com/document/330554857/21-Manual-metodo-Casinha-Feliz-pdf>>Acesso em: 02 de Jul.2018

FREITAS, Leda Fraguito, **A casinha feliz. Palavra de professor**. Disponível:<<http://www.acasinhafeliz.com.br/artigos/art-11.htm/> Acesso em:13 de jun.2018

KISHIMOTO, Tizuco Morchida.O jogo e a educação infantil:in: KISHIMOTO, Tizuco Morchida, **jogo, brinquedo e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

GOMÉZ, Antônio Castillo. **Educação e cultura Escrita:** à propósito dos cadernos e escritos escolares Educação. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012 <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

JARDINI, R. S. R.; VERGARA, F. A. **Alfabetização de crianças com distúrbios de aprendizagem, por métodos multissensoriais, com ênfase fono-vísuo-articulatória:** Relato de uma Experiência. Pró-Fono Rev. Atual. Cient., Carapicuíba: v. 9, n.1, p. 31-34, 1997.

MEIRELES, Eloiza. **A casinha feliz.** Palavra de professor. Disponível: <<http://www.acasinhafeliz.com.br/artigos/art-01.htm>> Acesso: 11 de Jun.2018

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História Dos Métodos De Alfabetização No Brasil.** (2006). Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar/> Acesso em: 10 de jun.2018

PADILHA; CABRAL. Significado de alfabetização. **Significados.**Portugual, 03 de out.2017. Disponível: <<https://www.significados.com.br/alfabetizacao/>>. Acesso em :05 Mai.2018.

PORTAL APRENDIZ. **Método fônico e construtivista podem caminhar juntos** (2006). Disponível: < <http://portal.aprendiz.uol.com.br/content/metodos-fonico-e-construtivista-podem-caminhar-juntos>> Acesso em: 24 de Mai.2018

RIBEIRO, Márcia. Alfabetização e seus métodos. **Pedagogia ao pé da letra.** 06 de abr.2013. Disponível: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/alfabetizacao-e-seus-metodos/>> Acesso em: 20 de mar 2018.

RIZZO, Gilda. **Alfabetização natural.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.